

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
TRABALHO DE GRADUAÇÃO INDIVIDUAL

Carimie Romano

**Quem nasce em Bacurau é gente: uma leitura geográfica da realidade ficcional do
Brasil e da ficção real de Bacurau**

Versão Original

SÃO PAULO
2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
TRABALHO DE GRADUAÇÃO INDIVIDUAL

Carimie Romano

**Quem nasce em Bacurau é gente: uma leitura geográfica da realidade ficcional do
Brasil e da ficção real de Bacurau**

Trabalho de Graduação Individual realizado pela
Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas, Departamento de
Geografia, para obtenção do título de Bacharel em
Geografia.

Orientador: Profº Drº Eduardo Donizeti Giroto

SÃO PAULO
2020

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Elaine e Jaime, por todo incentivo e apoio, inclusive financeiro. Por várias vezes terem ficado acordados até tarde para me buscar no metrô e por sempre acreditarem em mim.

Aos meus irmãos, Bruno e Stephanie, por serem meus exemplos de seres humanos e por sempre estarem presentes.

À Mariana, por todo apoio e companheirismo, por sempre ter estado ao meu lado, comemorando as conquistas e me dando força nos momentos difíceis. Por ter ido comigo assistir Bacurau pela primeira vez e ter ficado tão fascinada quanto eu fiquei.

À Maíra, melhor companheira de graduação, minha eterna dupla. Sem você o caminho até aqui teria sido mais difícil e menos incrível.

À todos os colegas de graduação que fizeram parte da minha trajetória e me enriqueceram em nossas trocas de experiências.

Ao meu professor e orientador, Eduardo, por não ter desistido de mim, por ter aceitado mudar 2 vezes o tema do meu TGI, por ter me dado todo apoio com o tema final e ter me ajudado a chegar até aqui. Torço para que você nunca perca seu entusiasmo e que você seja fonte de grande admiração e inspiração para outros futuros geógrafos, assim como foi para mim.

À todos os meus professores da graduação, que formaram a Geógrafa que eu serei.

Ao Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles por terem feito um filme tão necessário e incrível quanto é Bacurau. Viva o cinema brasileiro!

Este trabalho é dedicado aos professores, trabalhadores da cultura e à todos que resistem socialmente.

Isto não é um

SUMÁRIO

Deveria.

Mas não faz sentido.

Você vai entender o motivo de não ser.

Espero.

Resumo

Bacurau é uma obra cinematográfica brasileira, lançada em 23 de agosto de 2019 e dirigida por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, ambos Recifenses. Sua história é sobre os moradores de um pequeno povoado do sertão brasileiro, chamado Bacurau, que descobrem que a comunidade não consta mais em qualquer mapa. Aos poucos, eles percebem algo estranho na região: enquanto drones passeiam pelos céus, estrangeiros chegam à cidade. Quando carros se tornam vítimas de tiros e cadáveres começam a aparecer, Teresa, Domingas, Acácio, Plínio, Lunga e outros habitantes de Bacurau chegam à conclusão de que estão sendo atacados. Falta identificar o inimigo e criar coletivamente um meio de defesa.

Este trabalho busca realizar uma leitura geográfica do filme e analisar quais as geografias que são expressas em Bacurau e como essa obra pode nos ajudar a compreendê-las. Ademais, são destacadas algumas correlações geográficas entre o tempo que se passa no filme, um futuro próximo, e o nosso tempo atual. É o que dizem, os filmes futuristas falam muito mais sobre o nosso presente do que, de fato, sobre o futuro.

Enquanto Geógrafos e futuros Geógrafos, precisamos conversar com as diferentes produções de conhecimento, inclusive as cinematográficas. Enquanto profissional e/ou pesquisador, o Geógrafo tem a obrigação de reivindicar e tomar para si, temas e discussões que a sociedade no geral pode não associar à Geografia ou à geografia, ao nosso trabalho e ao nosso estudo. Assim, um dos objetivos desse trabalho também é deixar claro que: Sim, isso é Geografia. Bacurau é Geografia.

12/04/2020 - 07h12

É domingo de Páscoa. Eu acordei às 5h20 porque um quadro caiu da parede do meu quarto, fez o maior barulho e não consegui mais dormir depois disso. Acho que a arte desperta mesmo.

Nesse tempo, na cama, virando para lá e pra cá, eu fiquei pensando sobre o meu TGI, ou melhor, sobre o fato de eu ainda não ter um TGI. Sobre o fato de eu estar lutando com isso nos últimos dois anos. Eu escrevi muitas, muitas coisas mesmo antes disso aqui. Desde o início, o TGI tem sido um gatilho para as minhas crises de ansiedade e para a minha insônia. Eu sei que não deve ser assim, mas para mim é. E eu sei que também é minha responsabilidade lidar com isso, eu não tenho muita escolha.

Na tentativa de não apagar pela milésima vez todas as coisas que eu escrever, eu vou pedir licença e me permitir ser menos ortodoxa em relação à forma desse trabalho. Até porque, apesar de serem complementares, eu acredito que o conteúdo valha mais do que a forma. E enquanto eu pensava na cama, também cheguei à conclusão de que a proposta de realizar o Trabalho de Graduação Individual em uma graduação de Geografia, na Universidade de São Paulo, tenha muito mais a ver com o processo de pesquisa, com a experiência, do que com o resultado em si. Então, além de chegar em um resultado final, que eu espero chegar, eu vou tentar deixar registrada a minha trajetória de acúmulo de conhecimento durante esse percurso. E, em última instância, escrever em forma de diário me dá a sensação de que eu estou escrevendo para mim mesma e não para uma banca de Professores Doutores que vão me dizer se isso aqui é bom o suficiente, ou não, para eu poder me formar depois de sete anos de graduação. Nada contra, só quero manter a pressão controlada aqui. É difícil escrever pensando que serei avaliada, então vou evitar pensar nisso.

Eu quero falar sobre Bacurau. Sobre Bacurau e Geografia. Eu quero realizar uma leitura geográfica do filme e buscar entender quais as geografias que são expressas em Bacurau e como essa obra pode nos ajudar a compreendê-las. Eu considero que todas essas questões se relacionam e formam a primeira intenção deste trabalho. Ademais, eu pretendo destacar algumas correlações geográficas entre o tempo que se passa no filme, um futuro próximo, e o nosso tempo atual. É o que dizem, os filmes futuristas falam muito mais sobre o nosso presente do que, de fato, sobre o futuro. Muito provavelmente todas essas questões vão se entrelaçar ao longo da construção do texto. Vamos ver.

No fim de tudo, o que eu espero, é poder compreender o filme enquanto eu escrevo esse trabalho.

Eu fui assistir Bacurau pela primeira vez em setembro de 2019 e eu não tinha a menor expectativa sobre o filme e eu também não sabia nada sobre a história ou a sua proposta. Eu apenas sabia que muita gente estava falando bem sobre ele. Eu entrei na sala de cinema do Shopping Higienópolis (São Paulo), assisti ao filme e saí de lá completamente atordoada. Bacurau tinha despejado em mim tanta informação, tanta riqueza de detalhes, tantas alegorias, que eu não consegui processar tudo no tempo do filme, eu precisei de mais tempo. Acho que eu ainda preciso. Mas eu lembro que um pensamento era constante: “deve ter algum geógrafo envolvido na criação desse filme”.

Bacurau poderia ser uma aula de Geografia. Pode ser.

Enquanto Geógrafos e futuros Geógrafos, precisamos conversar com as diferentes produções de conhecimento, inclusive as cinematográficas. Enquanto profissional e/ou pesquisador, o Geógrafo tem a obrigação de reivindicar e tomar para si, temas e discussões que a sociedade no geral pode não associar à Geografia ou à geografia, ao nosso trabalho e ao nosso estudo. Assim, um dos objetivos desse trabalho também é deixar claro que: Sim, isto é Geografia. Bacurau é Geografia.

Nos dias que decorreram a sessão, eu só pensava em Bacurau. Tanto, que propus mudar, pela segunda vez, o tema do meu TGI e aqui estamos nós.

20/04/2020 - 20h35

Bacurau é uma obra de arte em todos os sentidos...

É um longa metragem que fala sobre o nosso passado, o nosso presente e nosso futuro, caso as coisas não mudem, caso a gente não consiga se organizar enquanto sociedade ou classe. E como Paulo Freire disse, esperança que não se organiza, morre.

Bacurau é um microcosmo do Brasil.

16/05/2020 - 17h04

Essa noite foi bem difícil. Mas acho que estou começando a fazer as pazes com a minha insônia, pois ela me faz pensar sobre o meu TGI, sobre o que eu quero falar aqui.

Penso, logo não durmo.

Bacurau é uma obra cinematográfica brasileira, lançada em 23 de agosto de 2019 e dirigida por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, ambos Recifenses.

Eu espero que você tenha assistido ao filme, mas se ainda não assistiu, nas palavras de Kleber Mendonça Filho, em seu discurso após a exibição de Bacurau em Cannes (França) no ano de 2019, o filme é sobre resistência, educação e sobre ser brasileiro no mundo.

Se preferir, em uma procura rápida na internet, você encontra a sua sinopse, que diz que sua história é sobre os moradores de um pequeno povoado do sertão brasileiro, chamado Bacurau, que descobrem que a comunidade não consta mais em qualquer mapa. Aos poucos, eles percebem algo estranho na região: enquanto drones passeiam pelos céus, estrangeiros chegam à cidade. Quando carros se tornam vítimas de tiros e cadáveres começam a aparecer, Teresa, Domingas, Acácio, Plínio, Lunga e outros habitantes de Bacurau chegam à conclusão de que estão sendo atacados. Falta identificar o inimigo e **criar coletivamente um meio de defesa**.

Com toda a certeza a sinopse não dá a dimensão da riqueza de temas e discussões que o filme suscita. Porque é uma sinopse. Bacurau é um filme com diversas camadas e alegorias. Uma das coisas que eu gosto de comentar quando eu falo sobre esse filme é que o protagonista é o lugar. Bacurau. Isso é muito geográfico. E além de ser sobre o lugar (ou o território ou o espaço), é sobre as pessoas desse lugar. Sobre as pessoas e suas relações, entre si e com o lugar. Sobre a relação dessas pessoas com as pessoas que não são desse lugar, sobre a relação das pessoas de fora com esse lugar. “Geografíssimo” (é o superlativo de “geográfico” que eu acabei de inventar porque achei que combinou).

06/06/2020 - 14h

Anteriormente eu comentei que o protagonista do filme era o lugar. E, propositadamente, em seguida, coloquei entre parênteses as palavras território e espaço. Eu fiz isso porque, eu não sabia muito bem qual termo eu deveria usar. Então, eu comecei a ler algumas coisas que pudessem me ajudar nesse sentido.

Tão importante quanto um esforço de definição do espaço enquanto objeto da Geografia, é o esforço de analisar algumas de suas dimensões para interpretar os ordenamentos que resultam e integram a dinâmica do mundo social. O espaço geográfico é uma forma-conteúdo, um conjunto de interrelações entre o sistema de formas físicas e o sistema de ações sociais, ou seja, é o encontro de pares opostos, mas sempre em interação, como a razão e a emoção (SANTOS, 1996).

Eu admiro demais o Milton Santos, mas confesso que eu nunca sei se realmente estou compreendendo a sua teoria enquanto a leio.

De forma mais simples, o que entendo é que para ele, o espaço geográfico é a relação e interação entre o espaço material, aquilo que é concreto, que tem materialidade, e o espaço simbólico ou espaço social (LEFEBVRE, 1974), que refere-se àquilo que é imaterial, abstrato, socialmente construído. Este último, por certo, depende do primeiro para existir.

11/07/2020 - 9h48

Ainda buscando entender um pouco mais sobre o espaço, uma vez que este é um elemento importante para concebermos Bacurau, li um livro muito interessante, chamado “Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço” e nele, os organizadores Iná Elias de Castro, Paulo Cesar da Costa Gomes e Roberto Lobato Corrêa (2012), todos geógrafos e professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro, se propõem a refletir sobre os espaços da política, da cultura e da economia, bem como sobre suas interações. Sugerem que o espaço que a Geografia se propõe a revelar tem múltiplas facetas e que compõem um quebra-cabeça incompleto. Assim, este livro traz textos de diversos autores que abordam o espaço, qualificando-o a partir de suas diferentes ordens organizativas. Um dos textos discute a noção de espaço público e complementa muito bem, a meu ver, as concepções abordadas anteriormente. Gomes (2012) diz que o raciocínio geográfico é construído a partir do questionamento a respeito da disposição das coisas no espaço e, por conseguinte, sobre as significações e consequências dessa ordem espacial. Sendo assim, o arranjo físico das coisas e fenômenos constitui um agente ativo na realização e na qualificação das ações sociais e que, essa ordem deve ser entendida enquanto condição para produção dessas ações. Dessa forma, o espaço é concomitantemente o substrato no qual são realizadas as ações sociais, a condição necessária para que essas práticas existam e, em última instância, o quadro que as delimita e lhes dá sentido. Partindo dessa premissa, reconhece que o espaço público é aquele onde se institui um debate, onde os conflitos tomam forma pública, onde podem surgir soluções e compromissos, onde os problemas adquirem visibilidade e reconhecimento.

Já Castro (2012), que discute o espaço político, destaca que a Geografia é o campo do conhecimento que melhor se apropriou da categoria “espaço” de forma conceitual e empírica. Entretanto, apesar da Geografia política estar bem estabelecida na disciplina, a discussão do que deve ser compreendido como um espaço político ainda não se mostrou de forma explícita como um problema para a maioria dos geógrafos. Pondera que a ação política não se dá no vazio, ou seja, é no confronto que ela se realiza e esse confronto ocorre em um espaço concreto e ambos estabelecem a condição fundamental do espaço político. Prossegue afirmando que a ideia do espaço político permite ir além da noção de espaço público, que tem sido privilegiada e considera prioritária. No entanto, ressalta que há uma clara relação entre o espaço político e o espaço público, mas que não é possível reduzir um ao outro.

25/07/2020 - 19h01

Hoje eu li um texto de uma geógrafa que eu nunca tinha lido antes. Uma pena, porque eu gostei muito da leitura. Eu paro pra pensar e daria para contar nos dedos os textos escritos por geógrafas que eu li na graduação. Essa geógrafa mesmo, Doreen Massey, eu nunca tinha ouvido falar. É um pouco triste isso.

Bom, mas eu li o texto e achei que tinha tudo a ver não só com o que eu escrevi anteriormente sobre Bacurau, mas com o tema do meu trabalho como um todo.

Massey (2008) construiu um conceito bem interessante sobre o que ela entende por espaço. Para ela, o espaço é constituído através de interações, do global ao local, ela o entende enquanto produto de inter-relações. Afirma que a espacialidade deriva das entidades e identidades e que o espaço não existe antes dessas relações se estabelecerem. Ela defende um entendimento relacional do mundo e uma política que possa responder a isso.

Também enxerga o espaço enquanto esfera da multiplicidade, heterogeneidade e pluralidade, onde distintas trajetórias coexistem. **Não se pode contar a história do mundo a partir apenas de uma perspectiva, assim como entender sua geografia.** É preciso um olhar transversal. Dessa forma, o espaço se configura como um espaço de “estórias até agora”, pois o espaço está em constante construção, em um processo constante de fazer-se. Ou seja, há fluidez nessa concepção, há o entendimento de que o espaço não é algo “fechado”, imutável. Assim, não apenas a história é aberta, imprevisível, mas o espaço também. E esse é um dos pontos centrais, pois “apenas se o futuro for aberto haverá campo para uma política que possa fazer diferença”.

Há beleza na articulação da Doreen Massey.

A frase que eu coloquei em destaque vai fazer ainda mais sentido ao longo deste trabalho. Mas queria compartilhar com você que, ao ler essa frase, eu me lembrei de um trabalho de campo que eu fiz em 2017 com a Profª Drª Valeria De Marcos, na disciplina Geografia Regional do Brasil IV - Amazônia. Nós saímos de São Paulo, passamos por Goiás, Tocantins e chegamos ao Pará, onde visitamos a Serra dos Carajás, na cidade de Parauapebas. Foi uma experiência incrível. Ao longo da viagem, nós lemos diversos textos sobre os lugares que estávamos visitando e sobre a região. E uma das coisas que percebemos foi que praticamente tudo que sabíamos, ou melhor, tudo que nós achávamos que sabíamos sobre a região Norte e sobre a Amazônia tinha sido transmitida por pessoas que não eram de lá. Por pessoas que tinham **um olhar “de fora”**. E, visitar esses lugares, conhecer com os próprios olhos e conversar com as pessoas de lá desconstruiu muitas ideias e pré conceitos que muitos de nós tínhamos. O que eu quero dizer com tudo isso é

que, trazendo a frase da Doreen Massey para a escala do nosso país, nós não podemos entender a história e a geografia do Brasil apenas pela perspectiva sudestina. Há muito mais para se considerar e é essencial que o façamos.

06/06/2020 - 14h38

Eu acho que vale a pena narrar de forma resumida o que se passa no filme, então se você não teve o prazer de assisti-lo, você poderá continuar essa leitura sem se sentir tão perdido (talvez só um pouco) e dessa forma também conseguiremos discutir melhor alguns aspectos importantes. Vou me ater aos detalhes quando considerar importante para a discussão (ou quando simplesmente forem detalhes interessantes) e, em outros momentos, darei alguns saltos na narrativa.

Pensando bem, se você não assistiu ao filme, pare agora mesmo essa leitura. Bacurau merece ser assistido.

É sério, pare de ler e assista Bacurau.

Bom, mas se você quiser seguir a leitura mesmo assim, aviso que o conteúdo a seguir contém *spoiler*.

O filme inicia com uma imagem do planeta Terra visto do espaço. Essa imagem vai se aproximando, se aproximando e mostra o Brasil, com alguns sinais de luz elétrica que parecem despontar mais no centro-sul do país. A imagem continua se aproximando, se aproximando, até um ponto em que a cena passa a ser a de um caminhão em uma estrada de terra esburacada, no sertão nordestino. Aqui eu gostaria de fazer a primeira pausa para um comentário. Eu não acho que essa cena que mostra o planeta do ponto de vista do espaço (Figura 1), em sua imensidão, tenha sido criada apenas por estética ou técnica, eu entendo que nesse momento, estamos sendo levados a encontrar o lugar do Brasil no mundo, literalmente e metaforicamente, falando. Talvez isso faça sentido mais para frente. E talvez, em tempo, essa imagem também esteja aí justamente para colocar o Brasil no centro, em destaque, uma vez que nos mapas e imagens de satélite normalmente o zoom é nos Estados Unidos ou na Europa. Principalmente os mapas, quase todos têm sua centragem na Europa.



Figura 1: Cena inicial do filme, em que é mostrado uma visão espacial do Brasil com ênfase no nordeste.
Fonte: KLEBER MENDONÇA FILHO E JULIANO DORNELLES (2019)

Voltando para a cena do caminhão na estrada, nesse momento, os diretores nos situam no tempo, onde aparece um letreiro sinalizando que o filme está se passando em um futuro próximo.

Vê-se o que parece ser **uma escola abandonada na beira da estrada** e, ao se aproximarem de Bacurau, é mostrada uma placa que anuncia quantos quilômetros faltam para chegar e a frase “Bacurau, se for, vá na paz”.

No caminhão está o motorista, Erivaldo e Teresa. Em uma tela, que aparentemente é uma televisão, eles vêem que o “Brasil do sul” está atrás de Lunga. Eles simplesmente olham para a tela e ambos afirmam que não entregariam Lunga.

Eles fazem uma parada e, ao longe, dá pra ver o que parece ser uma barragem ou estação de água e Erivaldo explica para Teresa, que aparentemente não vai para Bacurau há algum tempo, que Lunga tentou evitar (não especifica como), mas que um grupo (não especifica qual), privou Bacurau de água. Os membros desse grupo, aparentam estar acampados neste lugar e, ao ver o caminhão parado ao longe, um deles dispara tiros para o ar, espantando Teresa e Erivaldo que continuam seguindo o seu caminho até Bacurau.

Durante todo esse percurso, Teresa está com um jaleco branco. Erivaldo chega a indagar o porquê dela estar usando aquilo e ela comenta que é um sistema de proteção. Achei interessante essa resposta, como se o jaleco fosse o “instrumento” que ela usava para ser respeitada ou para se sentir protegida fisicamente. Durante o filme, não é mencionada a profissão dela, dá a entender que ela é da área da saúde, pois ela leva vacinas para Bacurau.

Ao chegarem ao seu destino, entendemos que Teresa retornou para Bacurau para participar do velório de sua avó, Carmelita, uma senhora de mais de noventa anos, matriarca de Bacurau.

O pai de Teresa, seu Plínio, é professor e ele participa de uma cena consideravelmente rápida, mas essencial para a nossa discussão. Ele e seus alunos estão do lado de fora da escola, observando um avião no céu. Plínio explica que aquele avião veio de São Luís e está indo para São Paulo. Um aluno pergunta qual a distância entre Bacurau e São Paulo e seu Plínio, para responder essa pergunta, pega um *tablet* e tenta mostrar onde o povoado de Bacurau está localizado no mapa do Brasil. Ele tem dificuldade de encontrar e sugere aos alunos, que estão tendo aula ao ar livre, que todos entrem para que eles possam procurar juntos no computador/televisão que fica dentro da sala. Todos entram e seu Plínio faz a busca no mapa que agora está em uma tela bem maior, mas também não consegue encontrar Bacurau. Um aluno pergunta “**não precisa pagar para entrar no mapa, não?**”. Seu Plínio diz “Não, Bacurau sempre esteve no mapa”. Desistindo de procurar, alguns segundos depois ele mostra um mapa de papel (Figura 2) e diz “nesse aqui Bacurau aparece, nesse mapa nós encontramos Bacurau”.

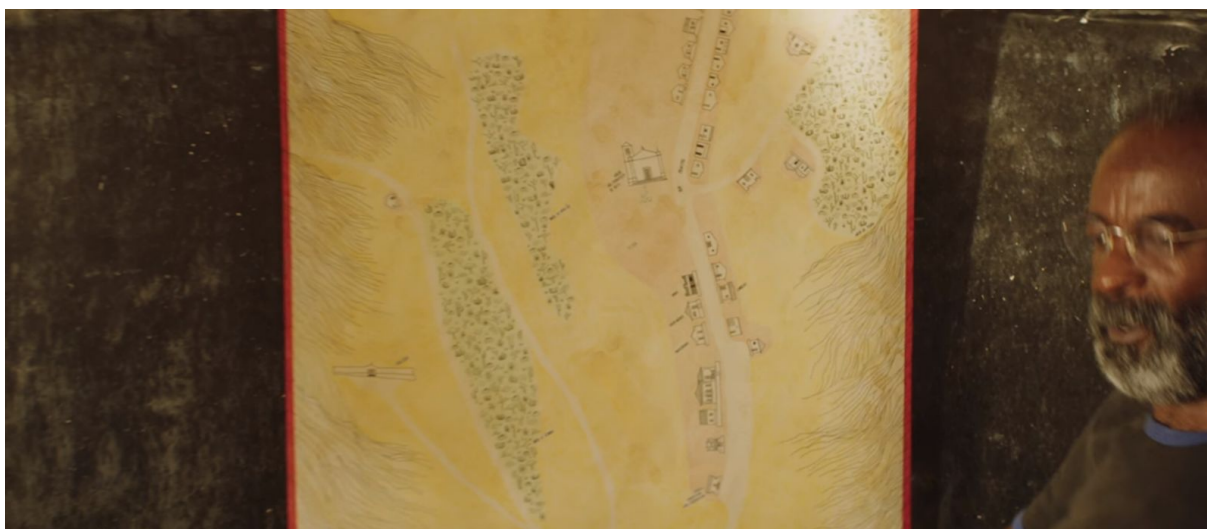


Figura 2: Plínio mostra o mapa feito em papel, provavelmente pelos próprios moradores de Bacurau, aos seus alunos. Fonte: KLEBER MENDONÇA FILHO E JULIANO DORNELLES (2019)

Como não dizer que geografia é poder? Se o seu território não está no mapa, ele não existe e, conseqüentemente, você não existe para o mundo.

Durante as vezes em que eu revi essa cena para analisá-la, eu me lembrei do meu primeiro semestre na Geografia, em 2013, das aulas que eu tive com a Prof^a Dra^a Fernanda Padovesi na disciplina de Introdução à Cartografia. Considero que essa foi uma disciplina

extremamente importante na minha formação como Geógrafa. Foi nessa disciplina que eu li os primeiros textos sobre cartografia e poder, sobre como não podíamos considerar “neutros” os produtos cartográficos. A primeira vez que eu ouvi falar de um livro chamado “Geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”; pela primeira vez alguém me disse que assim como os livros, as músicas e as poesias, os mapas também tinham um viés político, fosse ele consciente ou inconsciente, só que, no caso dos mapas, esse viés era quase sempre ligado à perspectiva e interesses dos grupos dominantes, das pessoas que detinham o poder. Eu precisei fazer todo esse resgate para conseguir analisar o fato de Bacurau não ter sido encontrado no mapa, para conseguir entender o que isso significava. Harley (2009) discursa sobre os “silêncios” dos mapas ou a censura cartográfica, que constitui a supressão de elementos que se deveria encontrar. Isso implica uma representação intencionalmente errônea que visa passar uma informação, uma imagem errada às pessoas que forem ler esse mapa, geralmente aqueles considerados como oponentes do *status quo* territorial e social. Assim, esse “silêncio” e essa censura, representam a influência política que os mapas podem exercer. Na verdade, tanto suas omissões quanto os elementos que eles representam e valorizam, demonstram essa influência. Veja, os mapas são importantes para o diálogo no mundo socialmente construído, como um meio de articular e estruturar esse mundo. Mas, também, são instrumentos para o controle do espaço, um meio de consolidar o poder do Estado. De modo geral, os mapas são caracterizados por uma linguagem de poder e não de contestação. Bom, isso nos dá uma ideia dos “por quês” de um povoado não aparecer no mapa, mas no filme, até esse momento, o espectador ainda não compreende o que está acontecendo.

Quando eu assisti essa cena pela primeira vez, tinha entendido que ela era uma crítica à tecnologia, uma vez que o mapa de papel estava sendo mais confiável do que o registro digital. Claro, faz sentido, uma vez que Bacurau não estava aparecendo na imagem de satélite. Além disso, a cena também me fez pensar sobre a importância de se preservar os registros históricos, mesmo que hoje tenhamos as mesmas informações em formato digital. Como se quisesse demonstrar que, se der ruim nas tecnologias informacionais, podemos ficar sem memória, sem história, sem informação, sem ter existido.

07/06/2020 - 10h28

Eu fico pensando em Bacurau todos os dias. E continua sendo difícil dormir. Apenas queria fazer essa atualização já que estamos dividindo essa experiência.

Seguindo com a narrativa do filme, após as cenas na escola do seu Plínio com os seus alunos, vemos uma das cenas mais icônicas do filme, a chegada do Prefeito da cidade vizinha, Serra Verde, em Bacurau. Ele chega com um caminhão de som, tocando um *jingle*

da campanha eleitoral para a sua reeleição, aqui temos uma representação bem caricata. Acontece que Darlene, mulher trans e moradora de Bacurau, avisa aos demais moradores que Tony Junior está chegando e, ao saberem disso, todos os moradores de Bacurau saem das ruas e voltam para as suas casas. Darlene é a voz do povoado, ela sabe quem entra e quem sai. Assim, ao chegar em Bacurau, Tony Junior encontra uma cidade “vazia”. Ele tenta conversar com os moradores com um megafone, dizendo que trouxe remédios, caixões (!), mantimentos e, inclusive, uma maquininha que lê biometria e computa o voto para quem não pudesse ir votar no dia da eleição que estava se aproximando. Até aqui a gente solta um risinho e balança a cabeça em sinal negativo porque a gente sabe o quanto essa representação é real. Mas a cena que a gente deixa o risinho de lado é a cena em que Tony Junior pede que filmem um caminhão despejando uma montanha de livros no chão, na frente da escola (Figura 3). De novo, um caminhão despejando uma montanha de livros no chão, na frente da escola. Essa cena me gerou muita raiva e ela não é em vão. Ela representa uma ruptura no sentimento de quem está assistindo. É quando você deixa de achar engraçado a representação do Tony Junior, com o seu discurso e o seu jeito caricato. É quando você, ao ver o caminhão despejando os livros, começa a pensar na alegoria que essa cena traz. É quando você começa a pensar no projeto político do nosso país. Um projeto de descaso e (des)educação. Dá pra perceber que são livros gastos e antigos, o resto do resto. Mas são livros. E essa cena acontece logo depois de o Tony Junior elogiar a biblioteca de Bacurau, dizendo que é uma das maiores da região. Logo, ele sabe que os livros são importantes para aquelas pessoas, mas ele faz questão de dá-los da forma menos humana possível.



Figura 3: Tony Junior pede que seja filmado o despejo dos livros em frente a escola de Bacurau.

Fonte: KLEBER MENDONÇA FILHO E JULIANO DORNELLES (2019)

Outra coisa interessante nessa cena é que, quando o prefeito está discursando aos moradores com o megafone, de dentro das casas a gente ouve protestos contra Tony Junior e, entre esses protestos, ouvimos “Respeite o seu avô”. Essa fala dá a ideia de que o avô do Tony Junior também era político, provavelmente o pai dele também. É aquela longa carreira política de famílias ricas, que passa de geração em geração e vai perpetuando o poder, a hegemonia e o *status quo*.

O poder.

Talvez o coronelismo.

Não, com certeza o coronelismo.

E aqui, Bacurau sair do mapa começa a fazer um pouco mais de sentido. Como foi falado anteriormente, Tony Jr. é Prefeito do município de Serra Verde e pelo contexto, dá para entender que Bacurau é um distrito de Serra Verde, um povoado que não tem autonomia política. E, bom, por tudo que essa cena mostra, a administração de Serra Verde não está nem aí para Bacurau, apenas lembra deles na hora de pedir votos. Aqui, relembro novamente o Harley (2009), pois em seu artigo ele fala sobre como, nos mapas, as fronteiras sofriam distorções geográficas que se caracterizavam por tentativas de afirmar pretensões históricas em um território nacional, ou seja, de utilizar os mapas por antecipação para projetar e legitimar futuras ambições territoriais.

Quando Bacurau saiu do mapa, só ficou Serra Verde.

Quando eu assisti Bacurau pela primeira vez, até esse momento eu estava empolgadíssima com o fato de termos mulheres na liderança, inclusive uma mulher trans (Darlene); com a organização coletiva que essa comunidade exercia. Mas nem todos os problemas já haviam sido superados em Bacurau. Certas coisas atravessam essa “bolha”, como o fato de Sandra, uma garota de programa, ter sido levada à força por Tony Junior e seus homens. Sandra diz “da última vez você não foi legal comigo”, deixando explícito que já havia sofrido algum abuso pelo homem que a leva. As pessoas que trabalham com Sandra protestam, mas não impedem de a levarem. Domingas, médica de Bacurau, também ameaça Tony Junior: “se a menina voltar machucada, eu corto o seu pau e dou para as galinhas”.

Mas Sandra vai.

E volta chorando, atordoada.

Mais tarde, acontece uma reunião dos moradores de Bacurau e, ali, vemos que seu Plínio e Domingas exercem algum tipo de liderança no povoado, mas não de forma hierárquica.

Seu Plínio diz que todos os mantimentos que o Tony Junior levou passaram por uma inspeção e que eles encontraram produtos fora do prazo de validade, alguns até seis meses fora do prazo. Domingas comenta que eles estão abastecidos com vacinas graças à Teresa e que o Tony Junior trouxe uma caixa cheia de remédios tarja preta, sem prescrição e que são distribuídos gratuitamente. Ela comenta que é um inibidor de humor em forma de supositório, que é a versão que mais vende, e que esse tipo de medicamento deixa a pessoa “lesa”. Por fim, ela diz “a caixa está aqui, **quem quiser, pegue, mas o recado está dado**”.

É a tentativa de docilizar aquelas pessoas, para mim está claro.

Em seguida o seu Plínio também orienta os moradores a irem até a mesa em que os mantimentos estão dispostos e pegarem o mantimento que precisarem e alerta “vamos usar a consciência”. Calmamente, os moradores vão até a mesa com saquinhos plásticos e pegam os mantimentos que precisam.

Vários elementos chamaram a minha atenção nessa cena. Vemos que Domingas e Plínio são figuras de liderança e organização da comunidade, mas de uma forma bem orgânica e horizontal. Não percebe-se uma hierarquização e sim, uma autogestão. É muito interessante também como Domingas conscientiza os moradores sobre os males do remédio tarja preta, mas não os priva da escolha de usar ou não o medicamento. Por fim, seu Plínio deixa livre a escolha dos mantimentos pelos moradores e de forma muito organizada, todos se servem e, aparentemente, ninguém fica desabastecido, não há briga ou confusão. Tem uma dignidade enorme na maneira que eles lidam com essa situação do Tony Junior, a forma como eles se unem e ninguém sai de casa enquanto o Prefeito de Serra Verde está lá, a maneira como eles verificam quais alimentos e livros podem ser aproveitados.

Tem dignidade.

E mais, tem resistência!

E o mapa de papel que o seu Plínio mostrou aos alunos na escola ganha esse significado. De resistência. De alguma forma, Bacurau se aproxima de Canudos.

08/06/2020 - 20h44

No outro dia, Erivaldo chega na cidade com o caminhão (que é um caminhão pipa) com furos de bala. O caminhão chega perdendo água e todos ficam sem entender o que aconteceu, mas um sentimento de alerta começa a pairar. Um pouco depois disso, dois motoqueiros com roupas coloridas chegam no povoado dizendo que estão fazendo trilha pela região (Figura 4), o alerta continua.



Figura 4: Momento da chegada dos motoqueiros em Bacurau, eles destoam na paisagem com suas roupas chamativas. Fonte: KLEBER MENDONÇA FILHO E JULIANO DORNELLES (2019)

Os motoqueiros estacionam as suas motos, cumprimentam quem está próximo e entram em um bar. Ali, acontece um dos melhores diálogos do filme. Os motoqueiros adentram o bar e perguntam o que tem pra beber. Maria bebe cerveja e João bebe água. Interessante pontuar aqui que antes dele beber a água, que é engarrafada e estava lacrada, ele a cheira, como se desconfiasse de sua procedência. A moça, Maria, quer saber qual é o gentílico de quem nasce em Bacurau e pergunta “Quem nasce em Bacurau é o que?”. Um menino que está sentado próximo ao balcão, o mesmo que perguntou ao seu Plínio na escola se era necessário pagar para entrar no mapa, responde “É gente” (Figura 5). Esse diálogo com certeza vai ficar na história do cinema brasileiro, traz, com uma pitada de humor, uma humanização inesperada e importante nesse ponto do filme, depois das coisas que vimos acontecer até aqui. De novo, essa cena me lembrou um trecho do texto do Harley (2009) que diz que os mapas tendem a “dessocializar” o território que eles representam, favorecendo a noção de um espaço socialmente vazio. Na fala desse menino, temos mais um exemplo de resistência.

Eles são gente.

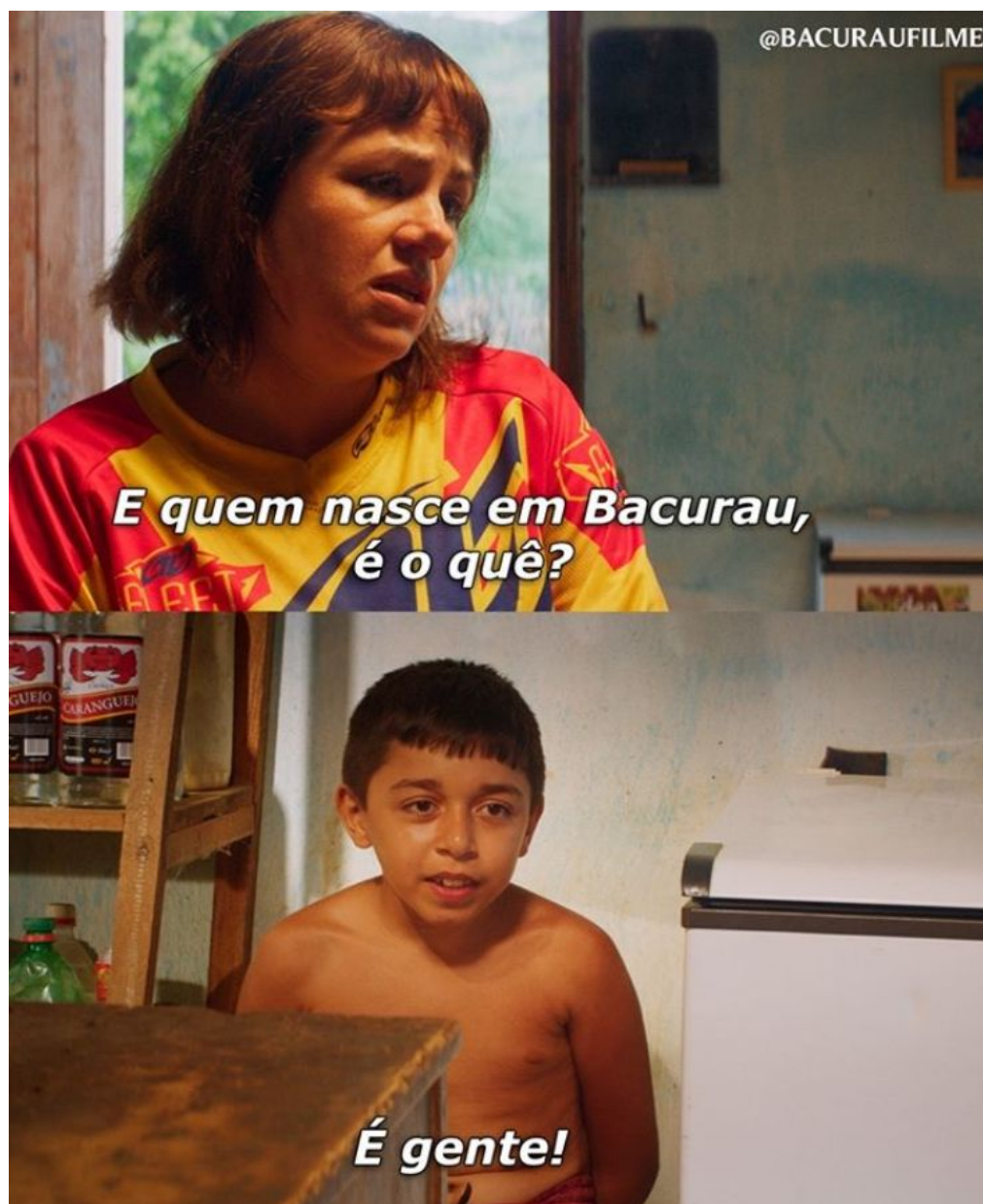


Figura 5: Diálogo icônico do filme, contribuindo para a contraposição de desumanização e humanização que permeia todo o filme. Fonte: KLEBER MENDONÇA FILHO E JULIANO DORNELLES (2019)

A dona do bar pergunta para os motoqueiros se eles vieram visitar o museu de Bacurau, que é muito bom. Os motoqueiros dizem que não, que estão apenas fazendo trilha pela região. Maria questiona o que significa Bacurau e a dona do bar diz que é um pássaro. Maria pergunta “um passarinho?” e a dona do bar completa “não, um pássaro” e diz que ele só sai à noite e que é “brabo”. Maria pergunta se ele não está extinto e a dona do bar diz “aqui não”.

Em um momento durante todo esse diálogo, o espectador vê Maria grudando embaixo de um balcão um dispositivo que parece um *chip* ou algum tipo de circuito eletrônico.

Eles saem do bar e encontram um violeiro (Figura 6). Acho que vale a pena reproduzir as falas na íntegra:

“Violeiro: O senhor sabe alguma coisa daquele caminhão pipa?”

João: Não entendi.

Violeiro: O senhor sabe alguma coisa daquele caminhão pipa?

João: O que foi que aconteceu?

Violeiro: Chegou todo crivado de bala (pausa), PÁ! PÁ!

Maria: [risos] Espertinho!

Violeiro: Um cabra bonito e joia, bem doida as bichas (não entendi esse pedaço) artista de cinema orgulho e (não entendi esse pedaço) aproveite bem a vida, pois logo a velhice aparece. A mulher para ser bonita pode ser (não entendi esse pedaço) ou morena tem que ter olhos castanhos, as lábia rubra e pequena.

Maria: ahn?

Violeiro: Dessas que o coito mata pra depois chorar com pena.

Maria: Você não me conhece.

João: Lindo, obrigado!

Violeiro: Esse povo do sudeste não dorme nem sai no sol, aprenderam a pescar peixe sem precisar de anzol, se acham melhor que os outros, mas ainda não entenderam que São Paulo é um paiol.

João: Como ele sabe que eu sou de São Paulo?

Maria: Olha, aqui, pra você (dando dinheiro), obrigada, tá? Mas eu sou do Rio.

Violeiro: Eu não quero o seu dinheiro, moça, eu tô aqui só de gaiato.

Maria: Valeu, gaiato!

João: Tchau, tchau!

Maria: Valeu, gaiatão, valeu!”



Figura 6: Momento em que o violeiro encontra os motoqueiros na saída do bar.
Fonte: KLEBER MENDONÇA FILHO E JULIANO DORNELLES (2019)

Não consigo conter o riso toda vez que eu assisto essa cena. O violeiro é um show à parte!

Eu tenho achado um grande desafio escrever sobre Bacurau porque ele é um filme

que se desenrola, muitas vezes, nos detalhes, nas sutilezas e é difícil transcrever esses elementos.

Nessa cena a gente começa a entender melhor o significado do “Brasil do Sul” e como João e Maria são a nossa caricatura, cidadãos do “Sul” (Sudeste-Sul) e eles demonstram isso também nas sutilezas. Demonstram com o desinteresse total pelo Museu de Bacurau, pela história daquele lugar e daquelas pessoas, talvez por julgar que elas não tenham cultura, que não há nada para se ver no museu ou apenas coisas desinteressantes; quando João cheira a água antes de beber; quando Maria acha ruim Acácio colocar a mão na moto dela e pede “licença”, para ele tirar; quando João deixa de experimentar o refrigerante local que é oferecido; quando Maria corrige o violeiro, dizendo que ela não era de São Paulo e sim, do Rio de Janeiro, quando na verdade, ela provavelmente usa “Norte” para se referir ao Norte e ao Nordeste, como se fosse um bolo só.

Esse é o típico “cidadão de bem” do “Brasil do Sul”.

Quando os motoqueiros estão prestes a subir em suas motos novamente, Teresa, Erivaldo e Acácio (mais conhecido como Pacote) se aproximam e também querem saber o motivo da visita deles à Bacurau. Eles voltam a afirmar que estavam fazendo trilha e que acharam a cidade por acaso, já que ela não está no mapa. Os três moradores de Bacurau ficam confusos e Maria acrescenta que está sem sinal de celular. Pacote pega o celular e vê que realmente não há sinal e acha estranho.

Os motoqueiros vão embora.

Na noite que antecedeu a chegada dos motoqueiros, toda a cidade acordou com os barulhos de vários cavalos invadindo Bacurau. De manhã chegaram à conclusão que era de uma das fazendas ali perto, então, Flávio e Maciel se dispuseram a levar os cavalos de volta para a fazenda, já que não estavam conseguindo contato com o dono. Quando os dois chegam na fazenda, encontram o carro da família batido em uma cerca com dois adultos, sendo um deles a esposa do fazendeiro; e uma criança, filha do fazendeiro, mortos e cheios de sangue. Flávio e Maciel ficam assustados, mas um deles resolve adentrar a casa mesmo assim. A câmera, do lado de fora, mostra ao longe a reação de pânico do homem ao chegar ao primeiro e, em seguida, ao segundo cômodo. Ele sai correndo e diz que mataram todo mundo. Os dois sobem em uma moto que estava estacionada em frente a casa e rumam de volta para Bacurau.

No caminho de volta, eles encontram os dois motoqueiros (que já passaram por Bacurau) que descem de suas motos e cumprimentam os dois homens. Eles perguntam se eles estavam vindo da fazenda Tarairú e se estavam com celular. Depois de poucas palavras trocadas, João e Maria mostram que estão armados e um dos homens diz “olha

moça, aqui nessa terra não pode acontecer dessa forma, não” e em seguida, os motoqueiros assassinam Flávio e Maciel. Nisso, é mostrado um drone sobrevoando o local (Figura 7).

Quando os motoqueiros seguem viagem, o drone os acompanha.

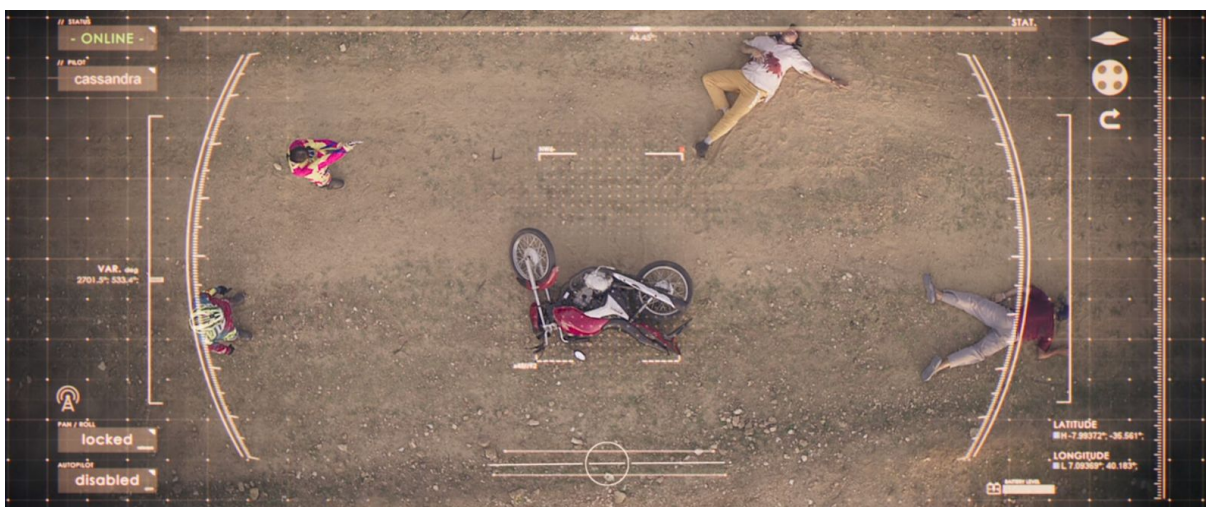


Figura 7: Imagem feita pelo drone no momento em que João e Maria assassinam Flávio e Maciel.

Fonte: KLEBER MENDONÇA FILHO E JULIANO DORNELLES (2019)

Quando são mostradas imagens da perspectiva do drone, é possível ouvir uma voz, falando em inglês.

Os motoqueiros são mostrados chegando em uma fazenda ou sítio e vemos que outras pessoas, homens e mulheres, estão neste lugar e que todos são estrangeiros, muito provavelmente norte americanos, pois, além de outros indícios, a primeira saudação que é feita aos motoqueiros, é “hey, cowboys”.

A partir daqui, os diálogos entre os motoqueiros brasileiros e esses estrangeiros se dão em inglês.

Um comentário sobre o mal cheiro da água é feito por um dos estrangeiros e Maria diz que, por ser água de poço, ela tem esse cheiro, **mas que a água é segura**. A câmera mostra o drone, que parece um disco voador de filme antigo, aterrissando e, ao entrarem na casa, ouve-se um comentário ao fundo dizendo “eu achei que seria mais simples, que teria que pegar só água, comida, combustível extra...”. Na sequência, é mostrado um homem lubrificando uma arma. Agora o espectador consegue ver de onde vem o comentário que foi ouvido anteriormente, são dois homens em uma sala, conversando com alguém (não é mostrado esse ouvinte, apenas os dois homens que estão falando). Eles estão com uma amostra de planta em um saco transparente e dizem que “eles causam irritação, queima. Fora isso...”. Eu não sei, posso estar viajando, mas quando eu assisti essa cena pela primeira vez, o que me veio à cabeça instintivamente foi a lembrança da descoberta do

Brasil, da carta de Pero Vaz de Caminha, descrevendo o “Novo Mundo”. Faz sentido? Não sei. Mas minha cabeça me levou para uma *vibe* imperialista.

Em seguida uma senhora de cabelos brancos caminha até a Maria e o João e faz um sinal de “beber” com a mão. João diz que eles falam português, ela pergunta se eles aceitam uma água, eles recusam e ela sai de cena.

Na sequência, uma das cenas mais importantes do filme inicia. João, Maria e os estrangeiros estão sentados em volta de uma mesa para fazer uma reunião. É uma cena longa, mas acredito que vale ter esse registro escrito integralmente:

Michael: Então...Jake e Terry concluíram com sucesso a primeira missão ontem à noite na “hacienda” Taraiu.

João: Tarairú...é Tarairú.

Michael: Tanto faz...

Jake: Foi difícil, mas conseguimos. Foi intenso. Eu estou pronto para ir para casa, missão cumprida. Foi foda.

Michael: Estamos em contagem regressiva agora...Como está a situação do bloqueador de sinal? [o chip que Maria implantou no bar]

Kate: Está bloqueado. O sinal foi derrubado e eles estão literalmente fora do mapa.

João: As pessoas em Bacurau estavam reclamando do sinal. E o lugar não está mais no mapa, portanto...funciona.

Michael: Cortamos a eletricidade amanhã?

Kate: Eles vão acionar o gerador, mas até lá teremos pânico.

Michael: E o caminhão?

Willy: O caminhão está pronto. Os prestadores de serviço locais não decepcionaram.

Michael: Ótimo. E a estrada?

Maria: A estrada foi bloqueada. Ninguém passa de Serra Verde por causa das pessoas que estamos pagando para isso.

Kate: Prestadores de serviço locais.

Maria: Isso, prestadores de serviço locais. E também não vai ter feira nos próximos dias. Vai ser tranquilo.

Jake: E nada de polícia, certo?

João: Não tem polícia aqui. Não.

Michael: A cabana do velho também está isolada?

João: Ele chama Damiano.

Kate: Cagamos para o nome dele. Eu e o Willy iremos visitá-lo.

Willy: Sim, nós ganhamos o sorteio...eu vou mesmo.

[Nesse momento há uma interrupção, pois parece que eles estão recebendo alguma informação pelo ponto que todos os estrangeiros estão usando no ouvido. Não é possível saber a informação que estão recebendo, mas alguém exclama “ah, merda” em um tom decepcionado].

Michael: Vocês só podem dar um tiro cada no alvo [entende-se que foi essa informação que todos receberam].

Kate: Uma bala cada um para lidar com o velho...parece justo! Estaremos bem.

Michael: Ou usem a faca.

Josh: Com licença, eu acho ótimo que o sinal esteja bloqueado por satélites alinhados a laser, que o prestador vai cumprir o serviço com o caminhão, mas...nós temos armas. Nós temos munição, certo? Então, o que estamos esperando? Que porra estamos fazendo nessa reunião de merda numa fazenda longe de tudo tirando palitinhos para ver quem sai de fininho para acabar com o caipira “Pablo”.

Michael: Ok, Josh.

Josh: Que tal pularmos para a parte em que carregamos as armas e vamos para a cidadezinha fazer um estrago?! Eu estou aqui pelo número de mortos! Vamos nessa, caralho! Vamos! [batendo na mesa]

Michael: Ok, ok, ok, Joshua. Obrigada pela contribuição. Onde estávamos? Sem pontuação se derem mais de um tiro.

Maria: Com licença...Posso pedir para você parar esse vídeo, por favor? [Em um tablet em cima da mesa, está passando a cena que o drone gravou dela e do João matando Flávio e Maciel].

João: [em português e baixinho] Não pede isso...

Maria: [em português e baixinho] Tá me incomodando, cara

Michael: Por favor, não falem brasileiro aqui. Tem um outro ângulo...

[mostrando o tablet para a Maria]

Michael: Você quer ver?

Maria: Não.

Michael: Olhe. É do capacete dele [se referindo à João].

[Maria acena que sim com a cabeça, meio cabisbaixa].

Terry: Vocês são uns caubóis, não são?

Chris: Os dois que vocês mataram...eram seus amigos?

[Maria acena que não com a cabeça].

João: Amigos? A gente não mata amigos no Brasil. Mas não, a gente não é dessa região.

Willy: De que região vocês são?

João: Nós somos do sul do Brasil. Uma região muito rica. Com colônias alemãs e italianas. Somos mais como vocês.

Willy: Como a gente?

João: Sim.

[Os estrangeiros dão risada e algum deles pergunta “eles não são brancos, são?”]

Willy: Como podem ser iguais a gente? Somos brancos. Vocês não são brancos. Eles não são brancos?

Terry: Eu não sei, eles...bom, sabe de uma coisa, eles meio que parecem brancos, mas não são. Os lábios e o nariz dela entregam, está vendo? Eles estão mais para brancos mexicanos.

Jake: Você poderia ser italiano [apontando para o João] e ela poderia ser polonesa.

Julia: Eu acho que ele é um latino bonitão.

[alguém concorda e diz que eles se parecem mais com latinos]

Maria: Porque estão fazendo isso?

Chris: Vamos lá, pessoal, parem com isso. Isso é bullying.

Michael: Amigo, [olhando para o João] por que vocês atiraram naquelas pessoas?

João: Eu fiz o que...Nós fizemos o que fizemos porque...Eles iriam falar por aí.

Maria: Sim, eles mentiram para a gente. Eles disseram que tinham ligado para pedir ajuda e a gente sabia que não era verdade.

Julia: A questão é que vocês vieram para trabalhar para a gente, não para roubar nossas mortes.

Michael: Sim...vocês fizeram um ótimo trabalho encontrando essa cidadezinha inofensiva no cú do mundo. Mas vocês fizeram algo que não deveriam ter feito. Vocês mataram pessoas. Vocês são assassinos.

Maria: Não, nós fizemos isso para ajudar a nossa missão.

Kate: “Nossa” missão?

Maria: Sim, quer dizer...nós vimos o que vocês fizeram na fazenda, então só tentamos ajudar. Cinco, seis mortes...a gente só estava...

Michael: Não, não, não, não! Vocês mataram dois dos seus. Vejam, tecnicamente, nós nem estamos aqui [apontando para os demais estrangeiros].

Maria: Mas vocês estão aqui.

Michael: Eu tenho documentos que provam que nós não estamos aqui.

Josh: O que fazemos é completamente diferente. Em primeiro lugar, ninguém aqui caça com armas modernas. Só usamos armas vintage.

[os estrangeiros colocam a mão na orelha indicando que eles estão recebendo novas informações pelo ponto eletrônico. Há um momento de silêncio em que todos ficam se entreolhando].

Kate: Eu estou sem a minha arma...

[Todos se levantam abruptamente e atiram várias vezes em João e Maria].

Josh: Eu atirei nela!

Michael: E eu atirei nele.

Josh: Eu atirei nela! Eu atirei nela. Fui eu. Eu atirei nela.

[Jake pega a carteira do bolso do João e lê em um documento com a foto dele “Assessor de Desembargador Federal”. Percebe-se também que o nome verdadeiro dele é Maurício].

Jake and Terry: Um funcionário do governo? Devemos nos preocupar?

Kate: Amanhã já estaremos longe...

Esse diálogo traz muitos elementos para a discussão. Em primeiro lugar, a questão regional, que é tratada em vários momentos do filme. Mais uma vez é ressaltada a cisão entre o “Brasil do Sul” e o Nordeste, em um nível tão profundo que Maria e João se identificam mais com os estrangeiros do que com os moradores de Bacurau, afinal de contas, eles vieram de uma “região de colônias alemãs e italianas”.

Como afirma Vesentini (2012) a região é um conceito geográfico clássico e essencial. É por meio da regionalização e da produção do espaço brasileiro que podemos compreender os processos que levaram à construção desigual do nosso país e da sua dinâmica. Dessa forma, quero discutir brevemente as diferentes concepções acerca do Nordeste brasileiro para que possamos entender o que elas significam e quais são suas influências.

Conforme explicita Vesentini (2012), há três concepções principais sobre essa região, a mais tradicional é a de que ela é fruto de uma relação homem-natureza, ou seja, uma forma de ocupação que interagiu com a natureza, num certo sentido se adaptou ou se moldou a ela e mesmo a modificando, muito deve a ela na sua formação espacial. O

segundo modo de ver o Nordeste é baseado na divisão inter-regional do trabalho. A industrialização do país teria promovido uma nova divisão territorial do trabalho e a região Nordeste teria se caracterizado por uma zona periférica destinada a fornecer matérias primas e mão-de-obra barata para o Sudeste. A terceira concepção afirma que essa região é uma invenção produzida pela elite, do Nordeste e do Sudeste, num processo político construído em função, basicamente, dos interesses materiais e ideológicos desses grupos, que tinham interesse em criar uma “região problema” como ação de controle social.

Cruz (2020) menciona que o desenvolvimento geográfico desigual manifesta-se pelas configurações geográficas, que espelham a distribuição espacial desigual das condições de produção, e que são resultado histórico, social e econômico das relações sociais de produção materializadas no território. Em tempo, o desenvolvimento geográfico desigual não pode ser analisado de forma segregada, descolado da desigualdade de renda. Destaca que é importante demarcar que as configurações geográficas não são apenas marcas do passado e do presente cristalizadas no espaço, mas que representam possibilidades para o futuro, ao assumir o papel de vantagens comparativas para a escolha de investimentos.

Antônio Carlos Robert de Moraes (2002), ou Tônico, como o chamamos na graduação, escreveu que as políticas oficiais voltadas à construção do país frequentemente se reduziram às estratégias e discursos dirigidos essencialmente à ocupação de espaços vazios, à integração nacional e a modernização das infraestruturas do território. Assim, a produção de ideologias geográficas sempre desempenhou papel importante no processo de formação do Brasil, ocultando as contradições e os interesses de classe presentes nos projetos de “desenvolvimento” implantados no país.

Veja, a discussão sobre a formação, produção e regionalização do espaço brasileiro é bem mais ampla e profunda. Como afirma Corrêa (1989), falar da organização regional do espaço brasileiro é algo complexo, pois se trata de um país de grandes dimensões que tem passado por um complexo e desigual processo de diferenciação que envolve não somente o espaço e o tempo, mas ritmos distintos de transformação.

Minha intenção aqui é apenas demonstrar, de forma macro, as formulações teóricas acerca da formação do Nordeste, e como, algumas delas, corroboram com a narrativa do filme e com a visão de Lambert (1959) que, analisando a profunda desigualdade entre as regiões sul-sudeste e norte-nordeste do país, reconheceu a existência de “dois Brasis”.

No entanto, na cena que acompanhamos, há uma subversão dessa lógica, quando os estrangeiros rejeitam veementemente a ideia de que Maria e João são parecidos com eles e afirmam que eles são, no máximo, “mexicanos brancos”. Ou seja, a mesma noção de

superioridade que os “sulistas” têm em relação aos nordestinos, os norte americanos têm em relação aos brasileiros. A forma que os “sulistas” enxergam o nordeste, é a forma como os estadunidenses enxergam o Brasil. Portanto, da mesma forma que para a galera do Sul e Sudeste brasileiro, o Norte e o Nordeste acabam sendo uma coisa só, para os estadunidenses, tudo do México para baixo, é uma coisa só.

América latina.

Latinos.

Podemos entrar agora em uma segunda discussão, que tem intersecção com a primeira. Nesse diálogo, os estrangeiros acusam os brasileiros de serem assassinos, por terem matado “dois dos seus” e enxergam que o que eles mesmos estão fazendo não se configura como assassinato, pois apenas utilizam “armas antigas”. Dessa forma, como não podia ser diferente, quero discutir o direito de morte e o poder sobre a vida, baseado em Foucault (2005;1999).

Foucault postula que por muito tempo, um dos privilégios característicos do poder soberano fora o direito de vida e de morte. O poder de apreensão das coisas, dos tempos, dos corpos e, finalmente, do privilégio de se apoderar da vida para suprimi-la.

A partir do século XVIII, surge o que Foucault chama de biopolítica da população, que se configura por uma série de reguladores, controles e intervenções no âmbito populacional (demografia): natalidade, mortalidade, nível de saúde, morbidade e longevidade.

Esse poder já não estava centralizado em suprimir a vida, mas de investir nela, caracterizando a era do biopoder. O biopoder foi importante, inclusive, para o desenvolvimento do capitalismo, porque garantiu a inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e o ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos. Dessa forma, a biopolítica lida com o conceito de população, como problema a um só tempo científico, político, biológico, econômico e de poder.

Complexo.

Mas sendo assim, como exercer o poder da morte, da função da morte, num sistema político centrado no biopoder? É nesse momento que Foucault entende que intervém o racismo. **O racismo representa para esse modelo um recorte entre quem deve viver e quem deve morrer**, sua função é fragmentar as populações no nível biológico (e social). Dessa forma, prossegue, a função assassina do Estado só pode ser assegurada, desde que o Estado funcione no modo do biopoder, pelo racismo, por meio da **regulação da distribuição de morte, tornando-a “aceitável”**.

O racismo, a ideia de que uma raça pode ser superior à outra, é o que legitima, na cabeça dos estrangeiros, o que está acontecendo em Bacurau. É por isso que “matar um dos seus” é considerado assassinato, mas eles matarem os brasileiros, não é. É a reposição da lógica colonialista. Eles enxergam as pessoas de Bacurau como selvagens, como seres que, talvez, mais se aproximem de animais do que de humanos.

A vida dessas pessoas não tem valor.

Não tem importância.

Para os estrangeiros, eles não são gente.

Por último, não conseguiria finalizar a discussão dessa cena sem mencionar o fato de que os estrangeiros têm *“documentos que provam que nós não estamos aqui”*.

Que raiva dessa fala.

É a exemplificação do aparelhamento do Estado, do jogo de forças burocrático e colonialista. Um papel isenta qualquer coisa que eles fizerem ali e ninguém contestará. Isso acontece hoje, na vida real, no nosso tempo. Quantas vezes os Estados Unidos interveio na política dos países da América latina? Quantos governos caíram ou se elegeram conforme os interesses deles? De cabeça, consigo lembrar, obviamente, do golpe ao governo de João Goulart, em 1964; a derrubada, em 1954, do presidente democraticamente eleito da Guatemala, Jacobo Arbenz; as invasões ao Panamá, em 1964 e 1989; a invasão às ilhas Maldivas, em 1931; à invasão da Nicarágua em 1912; o golpe contra Salvador Allende, presidente do Chile, em 1973...e por aí vai.

Temos que lembrar da velha doutrina Monroe da “América para os americanos” (detesto esse lema), e de como os outros países do continente se tornaram apenas uma área de influência (leia-se quintal) da verdadeira “América”. Isso faz com que as vidas que eles destroem ou, minimamente, interferem, não passem de **meros efeitos colaterais**.

11/07/2020 - 21h

Eu tenho tido muita dor nas costas nas últimas duas semanas. Por conta da pandemia do Coronavírus, estou trabalhando em home office desde março/2020 e acho que a minha cadeira não é adequada para ficar sentada durante oito horas diárias. O médico me deu alguns remédios e pela primeira vez, eu apaguei na hora de dormir. Acho que descobri a solução para a minha insônia: relaxante muscular, anti inflamatório e 2g de analgésico.

Voltando à Bacurau, Pacote¹ encontra Flávio e Maciel mortos e fica revoltado, ele

¹ Daqui para frente, vou me referir à Acácio apenas como Pacote, pois a partir da chegada dos motoqueiros e das mortes de Flávio e Maciel, ele assume novamente essa identidade. Digo novamente, pois esse era o seu nome quando fazia parte do grupo de Lunga.

leva os corpos até Lunga e pede sua ajuda, dizendo que em um dia, 7 pessoas foram mortas. Lunga aparece pela primeira vez na história. Ele e os seus companheiros (Figura 8). Eles estão armados, com ar de cansados e com calor, vestindo roupas gastas e sujas. Pouco ou nada se explica sobre Lunga, mas sabe-se que ele e os seus amigos estão escondidos em um local que parece uma barragem, pois estão sendo procurados. Pacote pede a ajuda deles e os convida a irem para Bacurau, pois “o pessoal de lá sabe o que vocês fazem por eles” e completa “vocês são importantes”.



Figura 8: Pacote vai até o esconderijo de Lunga e pede sua ajuda.

Fonte: KLEBER MENDONÇA FILHO E JULIANO DORNELLES (2019)

Quando já é noite, Pacote volta para Bacurau, onde um grupo de moradores está reunido na rua e apresenta “Pessoal, Lunga”. Nesse momento Lunga entra em cena triunfante (Figura 9), sendo ovacionado pelos moradores e com um visual bem elaborado, coturnos pretos, calça estampada combinando com a camisa aberta deixando o peito a mostra, colares, anéis e um cabelo longo belíssimo.



Figura 9: Momento em que Lunga chega em Bacurau e é ovacionado pelos moradores.

Fonte: KLEBER MENDONÇA FILHO E JULIANO DORNELLES (2019)

Uma coisa interessante é que, ao longo do filme, os demais personagens referem-se a Lunga ora no masculino, ora no feminino de forma muito natural. Não há um diálogo que explicita que Lunga seja LGBTQIAP+, no entanto, há alguns indícios durante o filme e, inclusive, uma tensão sexual entre ele e Pacote ao se encontrarem. Lunga acaba sendo a figura do neo cangaceiro, uma representação atual de Lampião. O interessante é que ele se veste para a batalha, da mesma forma que os cangaceiros faziam (com os clássicos anéis), no entanto, Lunga utiliza signos femininos para isso, como o cabelo longo e as unhas pintadas.

Após a chegada de Pacote e Lunga, os moradores de Bacurau descobrem a morte de Flávio e Maciel. Enquanto toda a cidade está cuidando dos preparativos para o enterro, um grupo de crianças aparece correndo para longe. Em seguida é mostrado que alguns moradores de Bacurau estão em uma roda de capoeira.

E aqui, estamos entrando em uma nova etapa da narrativa.

Lunga e seus companheiros estão em uma mesa comendo como se não houvesse amanhã, pois provavelmente estavam passando fome, e Lunga pergunta “nos últimos meses quantos voltaram para cá?”. Seu Plínio e Acácio começam a elencar “Madame voltou com o pessoal dela, tem o Cláudio e a Nelinha, teve dona Martina também, dona Sebastiana, Erivaldo voltou com os filhos, seu Zé...” e Teresa complementa “Eu”.

Lunga diz “quando eu saí daqui, eu saí com muita raiva desse sítio. Mas do jeito que as coisas estão, cá estamos”.

Seu Plínio lança uma fala inesperada: “você escreve muito bem Lunga, não devia ter parado”. E essa fala, dita brevemente e sem grande destaque, precisa ser discutida.

O filme fornece poucas informações sobre Lunga, como já deve ter sido possível perceber. Podemos imaginar, mas de fato, não sabemos exatamente o motivo dele estar sendo perseguido; o que ele fez; porque ele saiu com raiva de Bacurau; porque está sendo perseguido pelo “Brasil do Sul”, etc. A gente não conhece Lunga antes de toda essa situação. E nessa fala do seu Plínio, eu fiquei refletindo se Lunga não foi uma vítima de uma estrutura política da morte, se ele não é uma figura de resistência à estrutura da necropolítica. Por que ele parou de escrever? Porque ele acabou se vendo nessa condição de fugitivo? Quais oportunidades foram dadas à ele, para que ele permanecesse escrevendo, ou frequentando a escola, ou tivesse um emprego? Onde está a família de Lunga? Pra mim, de uma forma sutil, Lunga se mostra como o resultado da própria estrutura do Estado. O resultado de resistência à essa estrutura, à sua reprodução.

Por outro lado, a fala de Lunga me remeteu à nossa situação política atual, em que mesmo em um cenário tão extremo como o que estamos vivendo, com o (des)governo de Jair Bolsonaro (a.k.a² Bozo), ainda há muitas discordâncias ideológicas, inclusive nos grupos de esquerda. E que não podemos deixar isso nos segregar, precisamos deixar algumas diferenças de lado e **criar coletivamente um meio de defesa**.

Lunga procura um lugar específico no chão, a partir de um marco de azimuth, e diz “é aqui”, então ele e os outros moradores começam a cavar.

As crianças aparecem novamente, elas estão contando histórias e um menino aparece com uma máscara, assustando todo mundo. Eles correm novamente e acabam tendo a ideia de brincar de “quem vai mais longe no escuro”.

Ótima ideia crianças (essa frase contém ironia).

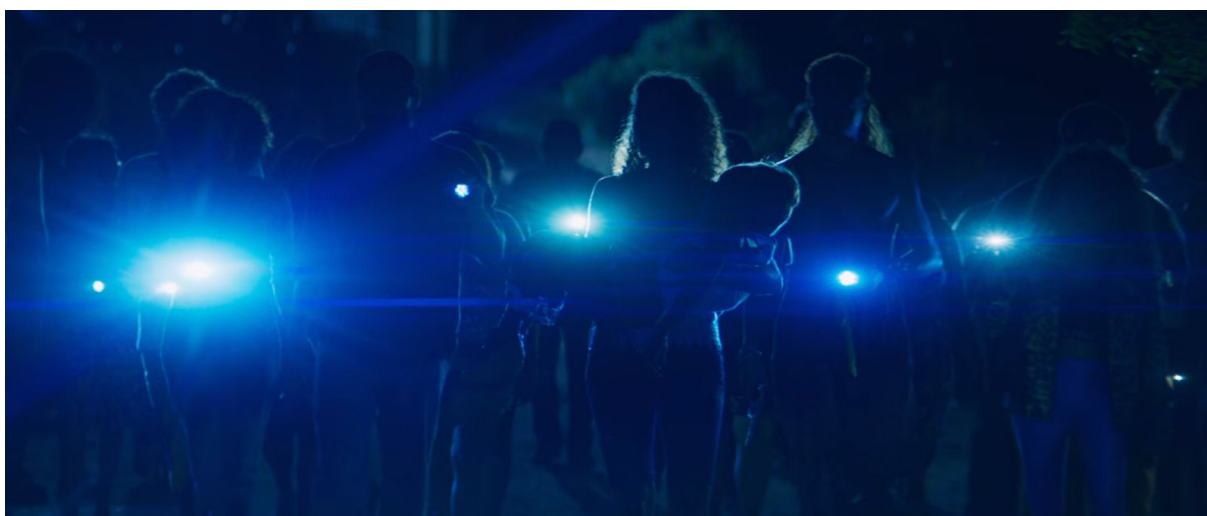
Então, um menino pega a lanterna que uma das crianças está carregando e caminha até uma parte que tem uma matagal. Ele deixa a lanterna no chão e volta correndo. O próximo garoto, caminha até o lugar onde a lanterna foi deixada e continua adentrando essa parte da vegetação rasteira. Ele anda olhando para o chão e quando ele levanta o rosto e olha para cima, vemos Josh, que dispara contra o garoto.

Ouvindo o disparo, as crianças gritam e saem correndo.

À meia noite todas as luzes da cidade se apagam e Lunga e os demais moradores de Bacurau percebem que estão sendo atacados.

Ouve-se os gritos das crianças que estão correndo de volta para onde os adultos estão. Alguém grita algo como “É o menino, porra, é o menino” e todos correm para ver o que aconteceu. De repente uma mãe vê o seu filho morto no chão e o grito de dor dela congela a alma.

Ela volta para Bacurau com o seu filho no colo (Figura 10).



² A sigla a.k.a significa “as know as” em inglês. Em português podemos traduzir para “conhecido como”

Figura 10: A mãe do garotinho assassinado retorna para Bacurau com o filho no colo e é acompanhada por toda a cidade. Fonte: KLEBER MENDONÇA FILHO E JULIANO DORNELLES (2019)

Nesse momento, em que todos estão em total tristeza e, ao mesmo tempo, confusos com o que está acontecendo, seu Cláudio, assustado, resolve ir embora de Bacurau com a sua esposa Nelinha. Pacote tenta alertar que é perigoso, e a própria esposa de seu Cláudio protesta, mas eles entram no carro e pegam a estrada mesmo assim. Em seguida vemos a imagem do carro deixando Bacurau da perspectiva do drone e ouvimos uma voz dizendo (em inglês): “Ok, carro deixando a cidade. Quatro portas, dois passageiros, um homem e uma mulher. Estão dirigindo rápido pela estrada de acesso, vocês devem interceptá-los em cerca de dois minutos. Jake? Julia? Ouviram? Interceptação em menos de dois minutos, copiaram?”

Julia: Vamos nessa!

A estrada está completamente escura e dentro do carro a dona Nelinha está rezando sem parar. Jake e Julia correm para a estrada e vêem o carro se aproximando e Julia exclama “Isso é incrível, porra!”. Ao chegarem próximos do carro, Jake e Julia atiram diversas vezes na lateral do passageiro com o que parecem ser metralhadoras. Os tiros não cessam mesmo depois de ambos dentro do carro já estarem mortos (Figura 11).



Figura 11: Momento em que Jake e Julia atiram diversas vezes na lateral do carro de Cláudio e Nelinha, assassinando ambos. Fonte: KLEBER MENDONÇA FILHO E JULIANO DORNELLES (2019)

Jake e Julia ficam extremamente excitados com o que acabou de acontecer e Julia diz pelo ponto eletrônico que “a estrada está fechada, nós os pegamos. Nós dois devemos

marcar pontos, uma mulher e um homem”. Ela grita extasiada para Jake “Isso foi insano!” e pergunta se ele quer transar. Ele aceita. E eles fazem sexo no breu e no meio do mato, após terem executado duas pessoas.

É uma cena difícil de digerir. Na primeira vez que eu assisti a essa cena, eu não pude deixar de associar aos 80 tiros de fuzil que militares dispararam contra o carro do músico Evaldo dos Santos, de 51 anos, durante a intervenção militar em Deodoro, zona oeste do Rio de Janeiro, em 2019 (Figura 12).



Figura 12: Carro de Evaldo dos Santos, com as marcas dos tiros de fuzil. No carro, além do cantor estavam o sogro, no banco de passageiro, também baleado e, no banco de trás, a companheira do músico, Luciana dos Santos, o filho do casal, de sete anos, e uma amiga. Os executores não prestaram assistência às vítimas.
Fonte: ISTOÉ (2019)

12/07/2020 - 11h04

Aparentemente a combinação de relaxante muscular e anti inflamatório só deu certo no primeiro dia. Sigo insone. E ainda com dor na lombar.

De volta ao “QG” dos estrangeiros, há um desentendimento entre Josh e Terry.

Terry: Você está falando sério, você não tem um problema com isso? Você sabe o que você fez, cara? Você viu? Porque eu vi.

Josh: Deixa pra lá, Terry.

Terry: Eu não vou deixar para lá! Isso é papo furado!

[Michael chega no cômodo].

Michael: O que está acontecendo aqui?

Terry: Esse cara matou uma criança [apontando para Josh]. Não foi para isso que eu me inscrevi.

Josh: Estava escuro, ele podia ter uns 16 anos...

Kate: Para com isso, gente [tentando dormir].
Terry: Olha, seu maníaco de merda, ele era uma criança, cara. Ele não tinha mais do que 9 anos. Uma criança, tá certo? Não um criminoso.
Josh: Esse cara está me enchendo o saco desde que eu cheguei aqui. O menino veio bisbilhotar e podia estar armado.
Terry: Aquele garotinho [gritando] estava com uma lanterna!
Josh:...que eu pensei ser uma arma.
Chris: Eu atirei naquela criança ontem, mas eu nem sabia que ela estava no carro.
Terry: São coisas diferentes, Chris, cala a boca, porra.
Michael: Ei, ei, ei...Olha para você Josh...o policial mau, o cara que trabalha no setor de recursos humanos do supermercado e Terry...o policial bom...agente penitenciário de uma prisão estadual. O mundo está de cabeça para baixo.
[Ouve-se vozes sendo transmitidas pelo ponto eletrônico deles].
Michael: [sorrindo] Josh acaba de marcar pontos pelo adolescente armado.
Josh: [Manda um beijo para Terry] Foda-se você.
Terry: Ele não era um adolescente armado, seu nazista.
Michael: O que você disse?
Terry: Eu te chamei de nazista!
Michael: Nazista...alemão! [ele ri] Eu entendi!
Terry: Tenho certeza que sim.
Michael: Terry... Quantos anos você tem?
[Terry fica em silêncio]
Michael: [gritando] Terry... Quantos anos você tem?!
Terry: Trinta e sete anos.
Michael: Eu não piso na alemanha há mais de quarenta anos...Eu sou mais americano que você.
Terry: Tanto faz, velhote.
[Michael aponta a arma para Terry].
Michael: Não use os seus braços para se proteger [Terry está de braços cruzados].
Terry: [com medo] Você não pode atirar...
Michael: Afaste os braços do corpo!
Terry: Cara...
[Michael atira no colete a prova de balas que Terry está usando].
Michael: Sabe, da próxima vez que quiser irritar alguém, não use clichês tão idiotas.

Aqui temos a representação de dois acontecimentos infelizmente muito presentes em nossa sociedade atual: uma criança assassinada (Figura 13) e o fato de que “confundiram” uma lanterna com uma arma (Figura 14).



Fogo Cruzado RJ
@fogocruzadoapp

Mortes de crianças por armas de fogo dobraram em 2020 no Grande Rio. No primeiro semestre, 17 crianças foram baleadas - destas, 6 morreram. Número de baleadas cresceu 70% em comparação a 2019. #TirosRJ #FogoCruzadoRJ
noticias.r7.com/jr-na-tv/video...

Agência Brasil

A cada 60 minutos, uma criança ou adolescente morre por arma de fogo
Dado faz parte de estudo da Sociedade Brasileira de Pediatria

Menino de 12 anos morto durante operação da PM no Chapadão é enterrado
Kauê Ribeiro dos Santos foi baleado no último domingo (8). Segundo moradores, o menino que trabalhava vendendo balas, estava voltando para casa no momento da operação da Polícia Militar.
Por Tatiana Nascimento, RJ2
09/09/2019 19h21 - Atualizado há 11 meses

Homicídio de crianças e adolescentes por arma de fogo aumenta 113,7% no Brasil em 20 anos, diz pesquisa
Levantamento foi feito pela Fundação Abrinq com base nos dados do Sistema de Informações Sobre Mortalidade, e divulgado nesta segunda (13).
Por Viviane Sousa e Thais Itaquí, GloboNews — São Paulo
13/09/2019 17h23 - Atualizado há 2 anos

O DIA

Jovem de 14 anos é baleado enquanto soltava pipa em São Gonçalo
Ainda não há informações de onde teria partido o tiro, nem seu estado de saúde
Por O Dia
Publicado no site de Notícias - Atualizado no site de Notícias

BRASIL

Unicef: 32 crianças são assassinadas por dia no Brasil
Em 2017, foram 11,8 mil mortes de crianças e adolescentes de 10 a 19 anos. Vítimas, em sua maioria, são meninos negros e pobres
MAYARA OLIVEIRA
12/11/2019 10:56 ATUALIZADO 12/11/2019 12:24

EL PAÍS

Ketellen Gomes, cinco anos, a 6ª criança morta por bala perdida no Rio
Menina ia para a escola em Realengo ao lado da mãe quando foi atingida. Um jovem de 17 anos também morreu no local

BRASIL

EL PAÍS

Ágatha Félix, 8, a mais nova vítima da violência armada que já atingiu 16 crianças no Rio neste ano
Menina morreu na noite de sexta, com um tiro nas costas, quando estava dentro de uma kombi no Complexo do Alemão, zona norte da cidade

CORONAVÍRUS: EM 4 MESES DE QUARENTENA, GRANDE RIO TEVE QUEDA DE 40% NOS TIROTEIOS, MAS NÚMERO DE CRIANÇAS MORTAS AUMENTOU 150%

14 de julho de 2020 | 0

Figura 13: Manchetes de sites de notícias sobre assassinatos de crianças e jovens no Brasil por arma de fogo.

01/07/2016 06h46 - Atualizado em 01/07/2016 11h05

Moradores dizem que jovem foi morto por engano por PMs, no Rio

Segundo testemunhas, policiais confundiram saco de pipoca com drogas. Batalhão diz que ele foi atingido durante troca de tiros com traficantes.

PM é detido acusado de matar jovem no Rio após confundir estouro de pneu com tiros

Do UOL, no Rio
29/10/2012 10h43 | Atualizada em 29/10/2012 12h34

Policiais confundem celular com arma e matam homem que tentava tirar aparelho da cintura, diz delegado em Manaus

Caso ocorreu após vítima discutir com companheira, em Manaus.

Por Patrick Marques, G1 AM
13/03/2020 23h24 - Atualizado há 5 meses



Edição do dia 30/10/2015
30/10/2015 13h51 - Atualizado em 30/10/2015 13h51

Sargento da PM confunde macaco hidráulico e mata dois mototaxistas

Segundo o pai e uma das vítimas, Jorge Lucas e Thiago trocavam o pneu de um carro quando o PM achou que eles estivessem armados e atirou.

Policial do Bope confunde furadeira com arma e mata morador do Andaraí

Militar está transtornado psicologicamente, diz porta-voz do batalhão. Durante operação em morro, homem teria feito movimento brusco.

PONTE >

PM confunde guarda-chuva com fuzil e mata garçom no Rio, afirmam testemunhas

Rodrigo Alexandre da Silva Serrano esperava a família chegar quando levou três tiros

27/12/2012 13h51 - Atualizado em 27/12/2012 14h45

Policial confunde Bíblia com arma e mata coletor de lixo em Avaré, SP

Homem, de 42 anos, morreu na noite desta quarta-feira (26). Cabo da Polícia Militar está detido em São Paulo.

04/01/18 14:27 05/01/18 21:48 Tweetar

PM admite que se confundiu e matou jovem após ele deixar mochila cair, na Baixada

Figura 14: Manchetes de sites de notícias sobre assassinatos de pessoas após policiais terem confundido diversos objetos com armas de fogo.

De acordo com o Fogo Cruzado (2020)³, laboratório de dados e plataforma digital colaborativa que registra a incidência de violência armada na região metropolitana do Rio de Janeiro, apenas no primeiro semestre de 2020, 17 crianças e 24 jovens foram baleados, sendo que destes, 6 crianças e 11 jovens morreram.

Só no Rio de Janeiro.

É assustador ter que enumerar a morte de crianças. Num Estado em que a necropolítica reina, a interrupção da vida e do futuro dessas crianças e a devastação total de suas famílias é mais um efeito colateral. Há outro ponto importantíssimo a ser destacado, as a maioria das crianças e jovens que perderam suas vidas, como a Jenifer Cilene, de 11 anos; Kauan Peixoto, de 12 anos; Kauã Rozário, de 11 anos; Kauê Ribeiro, de 12 anos, Agatha Vitória, de 8 anos; Kethellen Umbelino, de 5 anos; João Pedro, de 14 anos; Anna Carolina, de 8 anos e o Douglas Enzo de 4 anos, são crianças negras/pretas. Neste momento, conseguimos entender um pouco mais sobre a influência do racismo na bio e na necropolítica.

Não são todas as crianças que são vítimas desse tipo de violência.

12/07/2020 - 23h03

Willy e Kate vão até a casa de Damiano, um dos moradores de Bacurau, que vive em um local mais isolado. Ele aparece pelado, regando e conversando com as plantas que ele tem em uma espécie de estufa. Damiano sai da estufa e entra em casa. Willy e Kate se aproximam e começam a colocar fogo no telhado da casa de Damiano, que é de palha. Quando eles estão prestes a passar pela porta, Damiano atira no rosto de Willy e a cabeça dele literalmente explode. Kate, ao ver o que aconteceu, tenta fugir, mas é atingida também, pela companheira de Damiano, mas ela não morre na hora. Damiano e sua companheira apagam o fogo do telhado e vão verificar o estado de Kate. Kate pede ajuda a eles. Damiano pergunta se ela quer viver ou morrer e Kate responde conflituosamente “eu quero morrer...eu não quero morrer”. A companheira de Damiano questiona “**por que vocês estão fazendo isso?**” e Kate responde “eu não sei”.

Eles levam Kate para Dominga, mas ela não consegue salvá-la.

Gostaria de destacar que essa pergunta “por que vocês estão fazendo isso?” é repetida algumas vezes ao longo do filme, por diferentes personagens. E nunca houve uma resposta, exceto a de Kate. Eu tendo a pensar que ela foi sincera.

Nesse sentido, entrei em conflito, mas comecei a ver essa violência como, de fato, despropositada. Ela existe pelo simples fato de eles “poderem” exercê-la.

³ <https://fogocruzado.org.br/criancas-adolescentes-baleados-grande-rio-primeiro-semester-2020/>

Nesse meio tempo, os demais estrangeiros saem do “QG” e rumam para Bacurau. Nessa caminhada, um diálogo precisa ser detalhado.

Terry: Posso contar uma coisa para vocês, pessoal?

Julia: Sim.

Terry: Depois do meu divórcio, eu meio que pirei, sabe? Um dia eu cheguei em casa, peguei a minha Glock e a Mac-10 e toda a munição que eu tinha e coloquei na mochila e dirigi direto para a casa da minha ex-esposa e bati na porra da porta. Porque eu ia atirar nela quando ela atendesse, entende?

Jake: Isso é doentio, Terry.

Terry: É, mas ela não atendeu. Ela tinha saído da cidade. Mas eu tinha essa coisa que precisava tirar do peito, sabe? Então, eu dirigi até o shopping, duas vezes. Aí, dirigi até o Bay Breeze Park. Mas eu nunca conseguia, sabe? Algo me dizia que eu não devia [apontando para o céu].

Julia: Pega leve, cara.

Terry: E agora, Deus me deu a oportunidade de lidar com essa dor aqui.

Aqui o filme traz um viés anti armamentista forte.

Se Terry não fosse norte americano, apenas por essa fala ele já seria considerado um potencial terrorista, não acha? E a gente sabe que para os norte americanos, um potencial terrorista, é um terrorista.

É desconcertante a naturalidade com que o Terry narra esses fatos e, principalmente, é assustador como ele expressa de forma direta e objetiva o que o enredo do filme já vinha buscando mostrar. Para os estrangeiros, Bacurau é território em que a morte é permitida. Inclusive por Deus.

Aqui, gostaria de dar sequência na discussão que fiz anteriormente sobre biopolítica, biopoder e racismo, mas agora, gostaria de realizá-la falando também sobre a Necropolítica. Na minha visão, Mbembe (2018), faz uma atualização da teoria do biopoder de Foucault. Ele argumenta que a Necropolítica se configura pelas formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte, cujas formas de soberania tem como objeto central não a luta pela autonomia, mas “a instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações”. Concorde com Foucault quando diz que o racismo tem um lugar de destaque na lógica da biopolítica e complementa que a noção de raça sempre esteve presente no pensamento e prática das políticas ocidentais, especialmente quando se tratava de imaginar a desumanidade de povos estrangeiros ou dominá-los. Assegura que a escravidão é entendida como uma das primeiras instâncias da experimentação da biopolítica e que a condição de escravo resulta em uma dominação absoluta, pois há a perda de um “lar”, perda dos direitos sobre seu corpo e perda de status político. Ele traz bastante a perspectiva da necropolítica aplicada às colônias, onde os controles e as garantias de ordem judicial podem ser suspensos, pois constitui o território em que a violência do estado de exceção supostamente opera a serviço da “civilização”.

Como “vida selvagem” é apenas outra forma de “vida animal”, o soberano pode matar em qualquer momento ou de qualquer maneira.

Qualquer semelhança não é mera coincidência.

Me surpreendi com um trecho do texto do Mbembe em que ele diz que, num contexto de ocupações coloniais contemporâneas, uma das formas de incapacitar o “inimigo” se dá por meio da guerra infraestrutural, ou seja, entre outras coisas, crivar de tiros tanques de água (!), obstruir comunicações eletrônicas (!!) e destruir transformadores de energia elétrica (!!!).

18/07/2020 - 12h07

Minha psiquiatra trocou o remédio da insônia, mas ainda não vejo muita diferença.

Sigo insone. Mas já sem dor nas costas. Vou me permitir comemorar essa pequena vitória.

Michael diz que Willy e Kate já estão a caminho de Bacurau e Josh questiona “eles não vão se juntar a nós?” e Michael responde que “não. É aí que geralmente tudo sai do controle. Toda maldita vez!”.

Por esse diálogo entende-se que não é a primeira vez que Michael participa de algo desse tipo.

Ainda a caminho de Bacurau, eles encontram um carro de polícia abandonado no mato, com buracos de bala na lateral e cheio de ferrugem, indicando que ele está ali há bastante tempo. Nesse ponto, o grupo se separa. Michael segue sozinho e os demais, em duplas. Cada um chega a Bacurau por um caminho e todos vão percebendo que o povoado está vazio. A mesma “recepção” dada a Tony Junior, é dada aos estrangeiros.

Alguém diz **“eu achei que era só chegar e já sair atirando”**.

Michael se posiciona em um terreno mais elevado, ele está com uma arma enorme, daquelas de atirador de elite, com silenciador, luneta e tudo. Quando ele vai se agachar para ficar em posição de atirar (tipo atirador de elite), ele machuca a mão com algo pontiagudo. Aparentemente uma ponta de lança feita de osso ou o espinho de uma planta, não dá pra saber.

Parece que até mesmo a terra está resistindo à invasão.

Até a terra está lutando.

Josh e Julia vêem um varal com roupas sujas de sangue penduradas. Dá para perceber que são as roupas de Flávio, Maciel e do garotinho que foi assassinado (Figura 15).



Figura 15: Roupas das vítimas estendidas no varal. Ao ver a roupa do garotinho ensanguentada, me lembrei da mãe de Marcos Vinicius com o uniforme do filho, assassinado a caminho da escola no Rio de Janeiro, em 2018.

Fonte: KLEBER MENDONÇA FILHO E JULIANO DORNELLES (2019)

Ao ver as roupas no varal, Josh exclama “malditos selvagens”. Você acha que essa expressão tem um viés extremamente colonialista? Porque eu acho.

Eu ouvi alguém comentar, em um podcast sobre Bacurau (ouvi vários), que esse é um ritual típico de vingança, que é para avisar aos inimigos que, quando o sangue da roupa secar, é porque acabou o luto e chegou a hora de revidar. Parece fazer sentido, mas eu não consegui verificar a veracidade.

Michael começa a atirar no chão, nos telhados e paredes das construções (casas, escola), chega a atirar em um cachorro (f#!@%\$ - desculpa, soltei um palavrão). Nisso, chega um caminhão trazendo vários caixões para Bacurau.

Terry está dentro de uma das casas, ele diz aos demais que está deserta e ao chegar na sala, a televisão está ligada com uma imagem de um noticiário ao vivo onde se lê na manchete “Execuções públicas recomeçam às 14h - Vale do Anhangabaú”.

Nós (ainda) não chegamos nesse nível de execuções públicas e eu espero que a gente nunca chegue. Mas podemos dizer que já estamos no período em que, em nossa jovem democracia, estamos vivenciando perseguições político-ideológicas, com direito a espionagem e divulgação de documentos, nomes e fotos de mais de 500 servidores públicos que, supostamente, demonstraram ser contrários ao atual (des)governo federal de Jair Bolsonaro.

Ou seja, contrários ao fascismo.

Dois homens descem do caminhão carregado de caixões e começam a tirá-los do veículo.

Terry entra no Museu Histórico de Bacurau. As paredes são todas preenchidas com objetos e fotografias. É mostrada em uma parede, emoldurada, uma notícia do Jornal de Pernambuco intitulada “Coiteiros de Bacurau são alvos da volante”. Descobri, após ler essa notícia, que os Coiteiros eram pessoas que ajudavam os cangaceiros, dando-lhes abrigo e comida. Já os volantes, eram pequenos grupos de soldados (de 20 a 60) cuja missão era localizar e matar os cangaceiros.

De alguma forma o museu tem por tarefa lembrar aos vivos de hoje e de amanhã a existência dos mortos de ontem.

Michael atira nos dois homens que vieram trazer os caixões para Bacurau.

Terry, vê uma parede vazia dentro do Museu, mas percebe-se, que ali já estiveram penduradas armas, pois há plaquinhas com nomes seus nomes “MAUSER, 1908”, “WINCHESTER 44, 1873” e “COLT 38”. Ele avisa seus companheiros que talvez os locais estejam armados.

Enquanto isso, Chris e Jake vêem um buraco grande no chão, como se fosse a entrada de um túnel ou um esconderijo. Eles se perguntam se a população local não estaria escondida ali. Seguem sem verificar.

Julia diz que precisa atirar em alguma coisa, então começa a disparar contra a escola de Bacurau. Enquanto ela atira, é mostrado que dentro da escola estão crianças e professores, todos encolhidos ou deitados no chão, com as mãos na cabeça, tentando se proteger com as carteiras e cadeiras.

Também mostra que lá dentro estão Teresa, Pacote e seu Plínio, armados. Quando Julia para de atirar, abrem-se as janelas e lá de dentro eles começam a revidar os tiros.

A revolução começa dentro da escola.

Terry, ainda dentro do Museu, pergunta quem está atirando. Nisso, vê-se que o tapete ergue-se um pouco e uma mão com uma arma aparece por debaixo do tapete e atira em Terry. Vemos que é Lunga. Enquanto Terry está sufocado no próprio sangue, Lunga sai pistola do burado no chão que o tapete estava cobrindo, pega um facão e vai pra cima de Terry, golpeando-o várias vezes, com uma expressão enfurecida.

A revolução também vem de dentro do Museu.

Julia, Josh e Terry estão mortos.

Michael atira em Chris e Jake sai correndo para se salvar e entra no Museu de Bacurau atrás de Terry. Lunga também golpeia Jake.

Julia, Josh, Terry, Chris e Jake estão mortos.

Quando parece que Michael vai se suicidar com um tiro na boca (não entendi até hoje essa parte), ele vê uma aparição de dona Carmelita, que faleceu no início do filme,

apontando para algo atrás dele. Quando ele se vira, o dono do terreno em que ele está aparece armado.

A cabeça degolada de Terry aparece rolando para fora do Museu e Lunga sai com a cabeça do Jake na mão.

Quando percebem que não há mais perigo, a população de Bacurau sai de seus esconderijos (da escola, de suas casas e dos buracos no chão).

Com todos nas ruas, anunciam em um microfone os nomes das dezenas de pessoas que morreram por conta da invasão dos estrangeiros. Entre os nomes, chama a atenção dois: Marisa Letícia, esposa do ex-Presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, vítima de um derrame cerebral em 2017; e Marielle, clara referência à Marielle Franco, vereadora da cidade do Rio de Janeiro, que era contra a intervenção militar federal no Rio de Janeiro e denunciante dos abusos da Polícia militar nas comunidades carentes. Marielle e seu motorista, Anderson Pedro Mathias Gomes, foram executados com 13 tiros, em 2018.

As cabeças degoladas dos estrangeiros são colocadas na escadaria da igreja (Figura 16). Aparecem várias pessoas com seus celulares tirando fotos. Acredito que o intuito dessa cena tenha sido a de fazer referência à Lampião, Maria Bonita e outros cangaceiros que tiveram suas cabeças cortadas, fotografadas e expostas em frente à Prefeitura de Piranhas, em Alagoas.

Bacurau manda aqui mais um recado de resistência.



Figura 16: As cabeças dos estrangeiros mortos são colocadas na escadaria da igreja.

Fonte: KLEBER MENDONÇA FILHO E JULIANO DORNELLES (2019)

Pacote pergunta para Teresa “você não acha que Lunga exagerou, não?” e ela responde séria e olhando fixamente para a escadaria da igreja “não”.

De volta ao Museu, várias pessoas estão lavando o chão que está tomado por sangue. Isa, a companheira de Domingas e que é a museóloga da cidade, diz que elas vão lavar bem o chão, limpar tudo, mas que não é para mexer nas paredes (que também estão marcadas por sangue) e acrescenta “eu quero que fique assim, exatamente do jeito que está, infelizmente”.

Esse episódio passará a integrar o Museu de Bacurau. Sua história. E os vivos de amanhã saberão quem foram os mortos de ontem.

Como o museu representa uma parte importante de Bacurau, acredito que este trabalho também deva reservar uma parte importante para que possamos conversar sobre ele e sobre os museus do Brasil. Assim, quero falar sobre como o museu representa o centro de Bacurau. Sobre como é importante para esse povoado preservar e manter sua história viva, como o museu é um retrato da recusa dessas pessoas de se submeterem, de aceitarem a política de morte. É um santuário vivo de quem eles são e porque eles devem continuar sendo. Existindo. É mais um símbolo de resistência. E é por eles entenderem a importância da sua história na constituição do povoado, que o Museu passa a ser um lugar central na cidade. É por isso que o Museu é o elo de ligação, é o que conecta as pessoas daquele lugar, e não a igreja, que está aberta, mas virou uma espécie de depósito. Elas compartilham a mesma história, a mesma identidade. E por isso que o museu é tão bem cuidado, tão enaltecido por todos.

Bem diferente da vida real, né?

Em dezembro de 2015, o Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, pegou fogo por conta de um defeito em um dos holofotes de iluminação. O Laudo do Instituto de Criminalística apontou que o museu e todo o complexo da Estação da Luz, que fica no entorno, não tinham auto de vistoria dos Bombeiros. O bombeiro civil, Ronaldo Ferreira da Cruz, morreu ao tentar combater o fogo. Em junho de 2020, o Museu da Universidade Federal de Minas Gerais pegou fogo. O museu abrigava a maior coleção de esqueletos antigos das Américas. Um deles, com cerca de mil anos, foi resgatado das cinzas aos pedaços. A edificação não possuía o auto de vistoria dos Bombeiros e a diretora do Museu, Maria Lacerda, diz que até hoje isso não foi providenciado e complementa: “Tanto o museu quanto a própria universidade têm edificações antigas. O processo de adaptação dessas edificações, as instalações elétricas para atender às normas do Corpo de Bombeiros, precisa de investimento alto e não há rubrica pra isso, não há recurso público. Não há dinheiro direcionado para esse tipo de investimento. É preciso que o Brasil enfrente esse

desafio de criar políticas específicas pros museus universitários” (G1, 2020)⁴. Em maio de 2010, o Instituto Butantan pegou fogo, o galpão destruído pelo fogo continha mais de 100 anos de pesquisa em diversas áreas. O acervo de 85 mil exemplares de cobras foi parcialmente destruído (é o maior acervo do país), assim como 450 mil espécimes de aranhas e escorpiões que também foram atingidos pelo fogo. A maioria dos espécimes não havia sido descritos ou catalogados, sendo muitos deles espécimes raros ou já extintos. O motivo do incêndio foi um curto-circuito provocado por uma sobrecarga elétrica. O prédio não dispunha de sistema automático de combate a incêndio (FOLHA DE SÃO PAULO, 2010)⁵. Em 1978, um incêndio consumiu praticamente todo o acervo do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, que contava com obras de Henri Matisse, Salvador Dalí, Picasso, Joan Miró, Portinari, Di Cavalcanti e vários outros artistas brasileiros. De mais de mil obras, apenas 50 sobreviveram ao incêndio. As causas do incêndio até hoje não foram esclarecidas. Mais de 40 anos depois, o museu sofre uma profunda crise financeira, tanto que, para arrecadar fundos, vendeu uma de suas telas mais importantes, a obra “Nº 16” (1950), do americano Jackson Pollock, por valor bem abaixo do estimado (O GLOBO, 2019)⁶. O auditório do Memorial da América Latina, em São Paulo, pegou fogo após um curto circuito, em 2013. A Cinemateca Brasileira, em São Paulo, registrou incêndios nos anos de 1957, 1969, 1982 e 2016 (JORNAL GGN, 2016)⁷. Em 2018, um incêndio no Museu Nacional, maior museu de história natural do Brasil e com 200 anos de história, localizado no Rio de Janeiro, destruiu mais de 20 milhões de itens. O Museu Nacional estava em situação irregular junto aos bombeiros, não tinha o Certificado de Aprovação atualizado, documento que atesta a conformidade das condições arquitetônicas da edificação (área construída, número de pavimentos), bem como as medidas de segurança exigidas pela legislação (extintores, caixas de incêndio, iluminação e sinalização de segurança, portas corta-fogo). De acordo com a vice-diretora, Cristiana Serejo, o local não tinha portas corta-fogo ou seguro e que a instituição vinha sofrendo com falta de recursos e tinha sinais de má conservação, como fios elétricos aparentes, cupins e paredes descascadas (G1, 2018)⁸.

4

<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/08/21/dois-meses-apos-incendio-em-museu-da-ufmg-trabalhos-de-recupera-cao-do-acervo-ainda-estao-na-primeira-fase.ghtml>

⁵ <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1705201011.htm>

6

<https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/apos-meses-de-polemica-pollock-do-mam-vendido-por-metade-do-valor-inicial-23419962>

⁷ <https://jornalgggn.com.br/cidades/incendio-atinge-area-da-cinemateca-brasileira/>

8

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/09/05/apos-3-dias-bombeiros-concluem-que-museu-nacional-estava-em-situacao-irregular.ghtml>

Quando a gente começa a elencar os episódios de incêndios dos museus brasileiros, a gente percebe que são tantos que até parece que eles simplesmente entram em combustão espontaneamente. Como se fosse uma característica intrínseca dos museus pegar fogo. Mas isso é fruto de um descaso histórico com a cultura no nosso país e que no último ano, apenas se agravou, com a extinção do Ministério da Cultura, e a criação de uma secretaria de Cultura relegada ao Ministério do Turismo, em janeiro de 2019, no início do (des)governo do já citado presidente Jair Bolsonaro. A própria Agência Nacional do Cinema (ANCINE), também relegada ao Ministério da Cultura, teve os cartazes de filmes brasileiros retirados de sua sede, no Rio de Janeiro e sofreu um grave desmonte com cortes de verbas, cancelamento de editais, demissões em massa e incisiva censura moral e política.

19/07/2020 - 15h23

Tony Junior volta a aparecer em Bacurau, com uma van com garrafas de água em cima dos bancos. Ele pergunta o que houve e indaga “cadê os gringos, os turistas?” E aí, ele vê as cabeças degoladas na escadaria. Ele pergunta, se sentindo ameaçado “vocês estão precisando de alguma coisa? Comida, remédio...”. Lunga diz que eles morreram. Tony Junior diz que “esse é um rabo de foguete grande que vocês estão se metendo, esse povo é gente importante. O problema da água a gente resolve? Resolve! Agora isso aqui não vai ficar barato, não. Eu mesmo vou morrer por causa disso. Isso aqui em menos de vinte e quatro horas vai virar cinza” e continua, “eu não tenho nada a ver com isso, não. Eu estou com vocês”. Seu plínio diz “nós estamos sob o efeito de um poderoso psicotrópico e você vai morrer”.

De longe, Michael aparece com as mãos amarradas e sob a mira de uma arma. Ele grita o nome de Tony, dizendo “Amigo”. E continua: “Tony, o que aconteceu? Você me prometeu! Dinheiro, dinheiro!”. Neste momento, me lembrei de um texto do Taussig (1993), em que ele comenta que, por meio do fetichismo das mercadorias, as coisas se tornam humanas, e os humanos, coisas.

Tony Junior vendeu a morte das pessoas de Bacurau como mercadoria.

Como coisas.

Também me recordei de uma passagem do livro “O que é política”, da Hannah Arendt (1998) em que ela afirma que os espaços da política são lugares da realidade brutal, uma vez que “pressão e violência sempre foram, na verdade, meios para proteger o espaço político ou para fundá-lo e ampliá-lo - mas sem serem políticos em si como tal”.

Com a clara participação de Tony Junior nessa situação toda, colocam ele só de cueca em cima de uma mula, com as mãos amarradas e com uma máscara que cobre toda a cabeça, e enviam a mula em direção à caatinga, como forma de vingança.

Michael diz “tanta violência...nós matamos mais pessoas do que vocês imaginam”. (olha o imperialismo e as intervenções na América Latina surgindo aqui novamente). E sob a mira da arma de Lunga, Michael entra no buraco que eles escavaram, uma espécie de entrada para um túnel. Quando estão tapando a entrada do buraco com uma placa de ferro ou alumínio, Michael grita “Isso é apenas o começo!” e o filme termina com todos de Bacurau reunidos em volta desse buraco, com algumas pessoas começando a jogar terra em cima para tapar.

É interessante notar a forma como o filme é iniciado de uma perspectiva do alto, de fora, do espaço sideral e o seu desfecho se dá a partir dos túneis subterrâneos que, em primeiro lugar, abrigam a população e, em seguida, se tornam a cela perpétua de Michael. É como se Bacurau, ao invés de apenas se recusar a aceitar a posição “rebaixada” que a estrutura política impõe, eles se apropriassem dessa condição e resignificassem esse lugar, transformando isso em força, em estratégia, em sobrevivência de forma real.

Um trecho da música final diz: “Se alguém tem que morrer, que seja para melhorar”.

Antes de seguirmos para a parte final deste trabalho, quero comentar a respeito de uma crítica feita ao filme, a respeito da apologia à violência e a espetacularização da mesma, ao longo do período de exibição do filme nos cinemas brasileiros. Eu discordo veementemente dessa crítica e dessa visão. Bacurau é um filme com algumas cenas carregadas, com cenas fortes de violência? Sim. Mas, a história do filme não é sobre isso. Em nenhum momento, os moradores de Bacurau que acabam tendo que matar os estrangeiros, para se defender, têm em seus rostos expressões de satisfação ou alegria. Não gostam, ou melhor, eles não escolheram aquilo, àquela situação. Eles se vêem obrigados a agir daquela forma, por todo o contexto que o filme dá e que, a essa altura, eu espero que tenha ficado claro. Tem um capítulo muito interessante de um livro do Canetti (1962), em que ele fala sobre “o sobrevivente”. Em uma das passagens ele concebe o sobrevivente como aquele que, tendo percorrido o caminho da morte, sabendo dos extermínios e permanecendo entre os que caíram, ainda está vivo. O sobrevivente é aquele que após lutar contra muitos inimigos, conseguiu não só escapar com vida, como também matar seus agressores. Por isso, **em grande medida, o grau mais baixo da sobrevivência é matar.**

Bacurau é exatamente sobre isso.

23/08/2020 - 17h06

Hoje completa um ano da estreia de Bacurau no Brasil. E, propositalmente, eu deixei para escrever as últimas ideias deste trabalho neste dia porque, não sei, achei que simbolicamente seria interessante finalizar meu trabalho em uma data que trouxesse ainda mais significado.

Bacurau é, em grande medida, um filme difícil de digerir. E desde o início deste trabalho eu comentei que o meu tempo de apreensão não se deu no tempo do filme. Eu fiquei pensando sobre isso, sobre como esse trabalho me ajudou a reunir mais elementos para entender o filme, mas como Bacurau ainda parece tão inesgotável.

Isso é fascinante.

Bacurau, enquanto obra de arte e de produção do conhecimento, não se caracteriza como um filme de entretenimento, que pode ser relegado a um consumo rápido, superficial. Acredito que cada espectador, ou pelo menos os espectadores interessados, tenha o seu próprio tempo de apreciação e internalização do filme e, inclusive, um entendimento, partindo de suas perspectivas individuais. Os próprios diretores destacaram que, apesar do filme falar sobre questões e problemas estruturais do Brasil, pessoas de diversas partes do mundo estão construindo uma relação de identificação, a partir de suas próprias questões e relações: os estadunidenses vêem semelhanças com a sua relação com o México; os israelenses disseram ver semelhanças com os confrontos com a Palestina; os australianos destacaram as semelhanças entre a relação deles com os aborígenes. Ou seja, o filme se tornou uma obra aberta, nesse sentido. O filme deixou de ser algo de posse dos diretores e, cada vez que é exibido, ganha um novo olhar, uma nova dimensão e diferentes significados, como se fosse se refazendo a cada vez. Bacurau trata de temas universais, a respeito de questões históricas seculares, mas ele se faz e se constrói, em certa medida, a partir do olhar do espectador e da bagagem que ele detém. Dessa forma, o filme assume diferentes significados e infinitas dimensões.

Não é à toa que a gente fica pensando em Bacurau tanto tempo depois de ter assistido, pois o tempo da arte não necessariamente, ou na verdade, quase que certamente, não se dá no tempo do filme. É preciso que a gente reflita, pense, sinta, repense, faça articulações com o nosso dia-a-dia, com o que vemos no jornal, com aquela conversa que ouvimos no metrô ou no ônibus, com as conversas da família no almoço de domingo, enfim. Com a nossa vida. E talvez por isso, Bacurau desperte em muitas pessoas a necessidade de assisti-lo mais de uma vez (eu assisti 5 vezes e ainda pretendo assistir novamente). Bacurau tem a potência de exercer grande influência em seus espectadores, e ele teve grande influência sobre mim, e por isso que eu escolhi fazer dele o tema do meu Trabalho

de Graduação Individual. Mas também porque eu acredito que a arte precisa ter espaço em nosso trabalho na Geografia. Porque não podemos deixar de dialogar com todas as esferas da produção do conhecimento, principalmente quando ela fala tão alto à nossa ciência. Porque legitimar a narrativa de Bacurau por meio do nosso trabalho é também uma forma de resistência e de articulação, de construir pontes para o diálogo, de ampliar o debate e propor uma reflexão colaborativa, de agregar forças e ajudar a fortalecer não só no campo da teoria, mas também da práxis, uma saída construída coletivamente, assim como a população de Bacurau o fez.

Uma das coisas que mais me deixou fascinada em Bacurau, é a forma como ele conversa com o nosso passado, o nosso presente e espelha um futuro a partir disso. Nas diversas vezes que assisti ao filme, um dos pensamentos que permeou por dias a minha mente é uma pergunta aparentemente simples: O quão distantes estamos de Bacurau? E, ao longo deste trabalho, uma outra pergunta me intrigou: Será que Bacurau é, de fato, uma distopia?

Há um contraponto constante entre humanização e desumanização que se torna vital para analisarmos tanto a história real, como a ficcional. E esse processo de desumanização, que é estrutural, além de conversar com a necropolítica, também tem muito a ver com a condição de vida precária apresentada por Judith Butler (2015). O que esse conceito evidencia é que algumas vidas não importam e, algumas mortes, necessárias ou ocasionais, valem o risco. Há sujeitos que não são exatamente reconhecíveis como sujeitos e há vidas que dificilmente, ou melhor, nunca, são reconhecidas como vidas. Dessa forma, há uma “ética” da violência que é transformada em um sistema político projetado para eliminar muitos e salvaguardar alguns, o que se opõe, diretamente, à igualdade e ao direito de existir desses corpos (BUTLER, 2015).

A partir dessa ideia, não poderia deixar de trazer para o debate, o período extremamente difícil que estamos vivendo com a pandemia do COVID-19. Atualmente, temos quase 120 mil mortos por Coronavírus no Brasil, sem contar as subnotificações, que são altíssimas. Pessoas perderam seus empregos, tiveram seus salários reduzidos, pequenas empresas faliram e milhões de pessoas perderam os seus familiares e amigos.

120 mil mortos.

Não é um número.

São pessoas.

Elas são gente.

E não podemos esquecer, algumas vidas estão mais suscetíveis à morte. São as vidas que não têm o seu direito constitucional garantido à saúde de qualidade, à educação, à moradia, ao saneamento básico, à 3 refeições diárias e com alto teor nutricional, enfim.

Enquanto isso, empresários como Junior Durski, dono da rede de restaurantes Madero, diz que “Brasil não pode parar por 5 ou 7 mil mortes” (PRAGMATISMO POLÍTICO, 2020)⁹. Roberto Justus, empresário, administrador e publicitário, teve um áudio vazado em um grupo de Whatsapp em que disse “Vai custar muito caro. Você está preocupado com os pobres? Você vai ver a vida devastada da humanidade na hora do colapso econômico, da recessão mundial, dos pobres não ter o que comer, das empresas fecharem, do desemprego em massa, não dá pra comparar com um “víruzinho”, que é uma gripezinha leve para 90% das pessoas.” (CARTA CAPITAL, 2020)¹⁰.

Na mesma lógica, o governo federal tenta encobrir o número de mortes, apagando de sua plataforma oficial o número total de infectados pelo Coronavírus e o acumulado de óbitos no país desde o início da pandemia (EL PAÍS, 2020)¹¹.

Acho que eles pensaram que poderiam tirar o Coronavírus do mapa.

Em tempo, o presidente, que desde o início foi contra ao isolamento e distanciamento social, defende a abertura das escolas e do comércio e faz declarações assombrosas, como quando foi questionado sobre as mortes por Coronavírus, respondeu “Eu não sou coveiro” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020).¹² Em outra ocasião, ao ser questionado sobre o número de mortes do Brasil ter superado o da China, lançou “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”, disse, em referência ao próprio sobrenome. “Mas é a vida. Amanhã vou eu” (CNN BRASIL, 2020)¹³.

Isso tudo, enquanto o presidente Bolsonaro bate continência à bandeira norte-americana e diz em eventos internacionais que adoraria explorar as riquezas da Amazônia junto com os Estados Unidos.

É o tipo de coisa que até mesmo em filme, a gente iria achar “forçado” e não iria acreditar, de tão absurdo que é.

O que eu concluo é que há diversos elementos reais na ficção de Bacurau e diversas coisas absurdas, que parecem ficcionais, na realidade brasileira.

O Brasil se tornou uma distopia.

⁹ <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2020/03/brasil-nao-pode-parar-por-5-ou-7-mil-mortes-diz-dono-do-madero.html>

¹⁰ <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/justus-se-arrepente-e-diz-que-coronavirus-matou-mais-do-que-ele-imaginava/>

¹¹

<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-06/governo-bolsonaro-impoe-apagao-de-dados-sobre-a-covid-19-no-brasil-em-meio-a-disparada-das-mortes.html>

¹²

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/nao-sou-coveiro-diz-bolsonaro-sobre-qual-seria-numero-aceitavel-de-mortes-por-coronavirus.shtml>

¹³ <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/04/28/e-a-vida-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus>

Bacurau é passado.

Bacurau é presente.

Provavelmente será futuro.

Mas já é presente. Com certeza, é presente.

Mas sendo Bacurau o presente, temos uma chance? Bacurau encontrou um meio de sobreviver, uma forma de se manter e persistir no tempo e no espaço. Seus habitantes, em seu modo de vida e sua organização social, produzem, de muitas formas, uma contra cartografia do não deixar morrer, do não ser extinto. Quando, mesmo após tantas perdas, Bacurau reage, luta e resiste, eles estão lutando contra essa maré, eles estão lutando para colocar Bacurau de volta no mapa e mostrar que eles existem e que eles são gente.

02/10/2020 - 20h38

Hoje escrevo já tendo sido aprovada pela banca do meu TGI há quase um mês.

É boa a sensação.

Retornei, pois a banca, formada pela Prof^a Dr^a Fernanda Padovesi e pela Prof^a Dr^a Simone Scifone, gentilmente fez algumas observações que eu considero importante incluir neste trabalho como uma forma de possibilitar a continuação desta ou de outras pesquisas sobre este tema.

A primeira contribuição foi em relação ao museu de Bacurau, que é vivo, é um lugar de memória e que representa a resistência, diferente dos grandes museus, aclamados internacionalmente, que trazem a “história do vencedor” e a “memória do poder”. Neste sentido, é possível realizar um exercício de reflexão sobre quais memórias os museus guardam e de quem são essas memórias. O museu de Bacurau traz à tona a figura do museu das lutas. Este elemento é extremamente importante e contribui de forma relevante para a discussão deste tema.

Também foi trazido pela banca a indagação de o quanto Bacurau representa uma geografia das redes e das relações, uma vez que o povoado ficou isolado. O quanto o “ser” se dá a partir das conexões.

Por último, a banca sugeriu que a paisagem também é protagonista e que a relação da Caatinga, paisagem completamente brasileira, também é importante para se pensar os acontecimentos da história.

Referências

ARENDT, HANNAH. **O que é política?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BUTLER, JUDITH. Introdução: Vida precária, vida passível de luto. In: **Quadros de guerra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CANETTI, ELIAS. **Crowds and Power**. Trad. Carol Stewart. Nova Iorque: Continuum, 1962: 227-280 p.

CASTRO, INÁ ELIAS DE; GOMES, PAULO CESAR DA COSTA; CORRÊA, ROBERTO LOBATO (org.). **Olhares Geográficos**: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 192 p.

CRUZ, RITA DE CÁSSIA ARIZA DA. Ensaio sobre a relação entre desenvolvimento geográfico desigual e regionalização do espaço brasileiro. **Geousp – Espaço e Tempo** (On-line), v. 24, n. 1, p. 27-50, abr. 2020. ISSN 2179-0892. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/155571>. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2020.155571>. Acesso em: 10 jun. 2020.

CORRÊA, ROBERTO LOBATO. A organização regional do espaço brasileiro. In: **X Semana de Geografia do Departamento de Geociências**, Florianópolis: Geosul, 1989. p. 7-16.

FOUCAULT, MICHEL. Aula de 17 de março de 1976. In: **A defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____, Direito de morte e poder sobre a vida. In: **História da sexualidade. A vontade de saber**. Rio de Janeiro: GRAAL, 1999.

HARLEY, BRIAN. Mapas, saber e poder. **Confin**s, [S.L.], v. 5, n. 5, p. 2-24, 19 mar. 2009. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/confin.5724>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confin/5724>. Acesso em: 20 jul. 2020.

LAMBERT, JACQUES. **Os dois Brasis**. Rio de Janeiro: Inep/MEC, 1959.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev. 2006. 476 p.

MASSEY, DOREEN B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Trad. Hilda Pareto Maciel; Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

MBEMBE, ACHILLE. **Necropolítica**. São Paulo: n.1. Edições, 2018.

MORAES, ANTONIO CARLOS ROBERT DE. **Território e história no Brasil**. Annablume, 2005. 154 p.

SANTOS, MILTON. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 259 p.

TAUSSIG, MICHAEL. Cultura do terror, espaço da morte. IN: **Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem**. São Paulo: Paz & Terra, 1993.

VESENTINI, JOSÉ WILLIAM. O conceito de região em três registros. Exemplificando com o Nordeste brasileiro. **Confins**, São Paulo, v. 14, p. 1-11, 19 mar. 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/7377>. Acesso em: 20 jul. 2020.